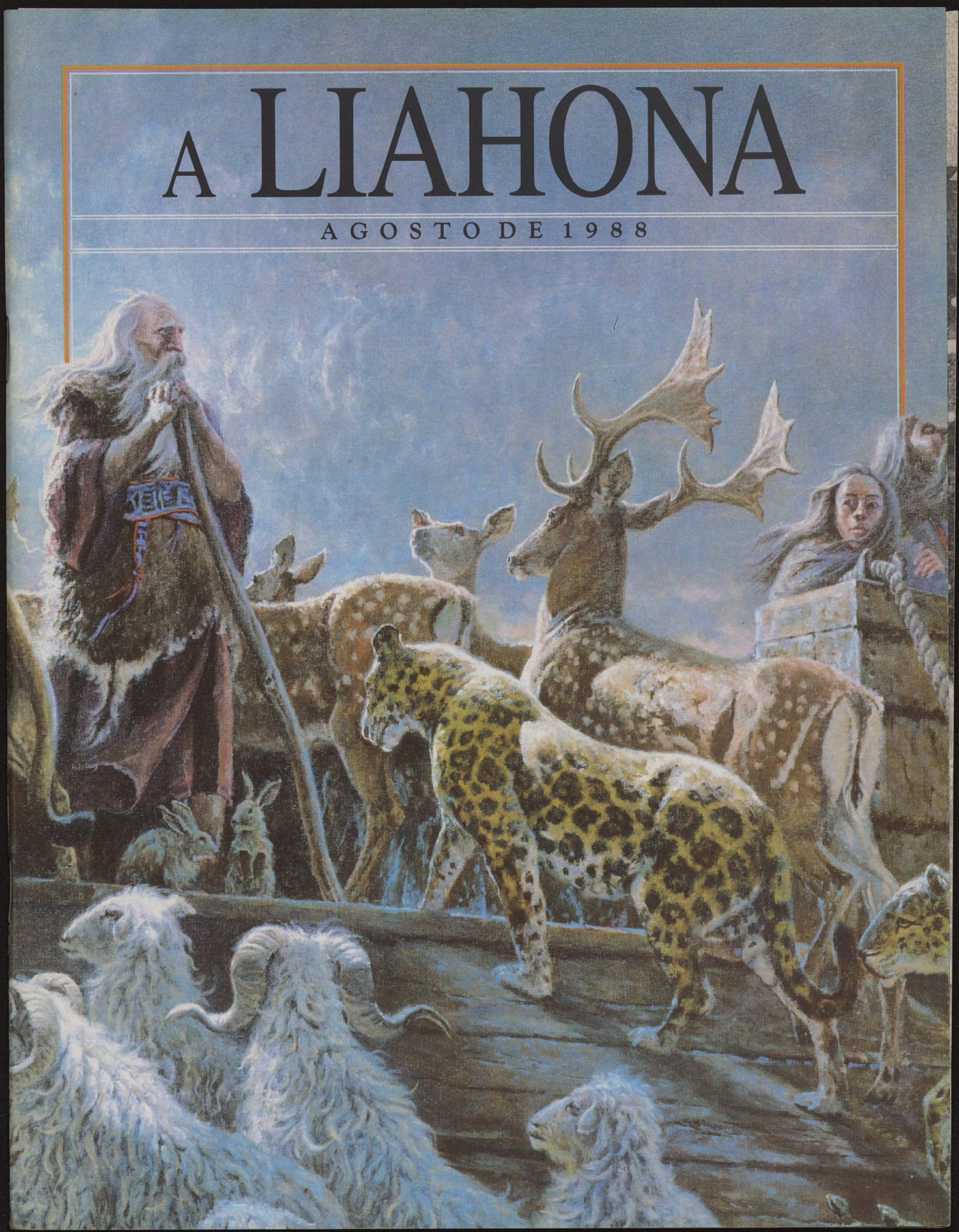
A LIAHONA

AGOSTO DE 1988



A LIAHONA

Agosto de 1988 Volume 41 nº 8
PBMA8808PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "O Senhor Cumpriu Todas as Suas Palavras", óleo sobre tela de Clark Kelley Price mostra Noé recebendo os animais a bordo da arca; é um dos muitos trabalhos do concurso internacional de belas artes organizado pelo Museu de História e Arte da Igreja. Vide "Uma Rica Colheita Visual" neste número.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 860,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 80,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Stree, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to *A Liahona* at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

ÍNDICE

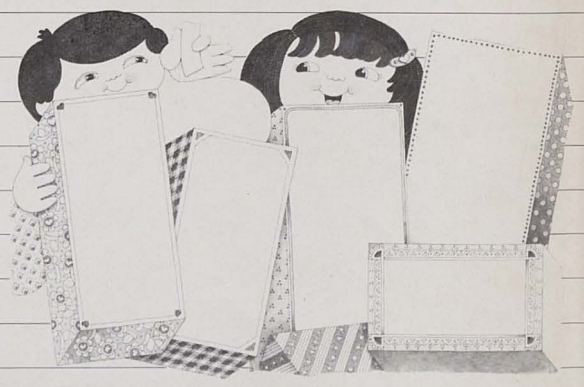
2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:**
EM BUSCA DE UMA VIDA ABUNDANTE Presidente Thomas S. Monson
8 TRISTEZAS E ALEGRIAS: O QUE PODEMOS APRENDER COM LÉHI
Keith K. Hill
13 **MANUAL PARA AS FAMÍLIAS:**
PREPARAR-SE PARA SUA INVESTIDURA (ENDOWMENT) NO TEMPLO
18 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:**
"A CARIDADE NÃO SE IRRITA"
19 "UMA RICA COLHEITA VISUAL"
23 "COM AMOR, DE SUAS PROFESSORAS VISITANTES" Melinda Suttner
25 EM SUA PRÓPRIA LÍNGUA Sandra Williams
29 JAMIE Sandra C. Brinley
34 A COMPANHIA DO ESPÍRITO SANTO Élder Carlos E. Asay
39 O PRESIDENTE BENSON VISITOU MINHA CASA George D. Durrant

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

40 UMA MENSAGEM DE MEU PAI Jay L. Packard
42 OS PAIS QUE NÃO CONHECESTE JuLee Dunnaway
48 A LIÇÃO DE UMA NEVASCA Ronald J. Dunn

SEÇÃO INFANTIL

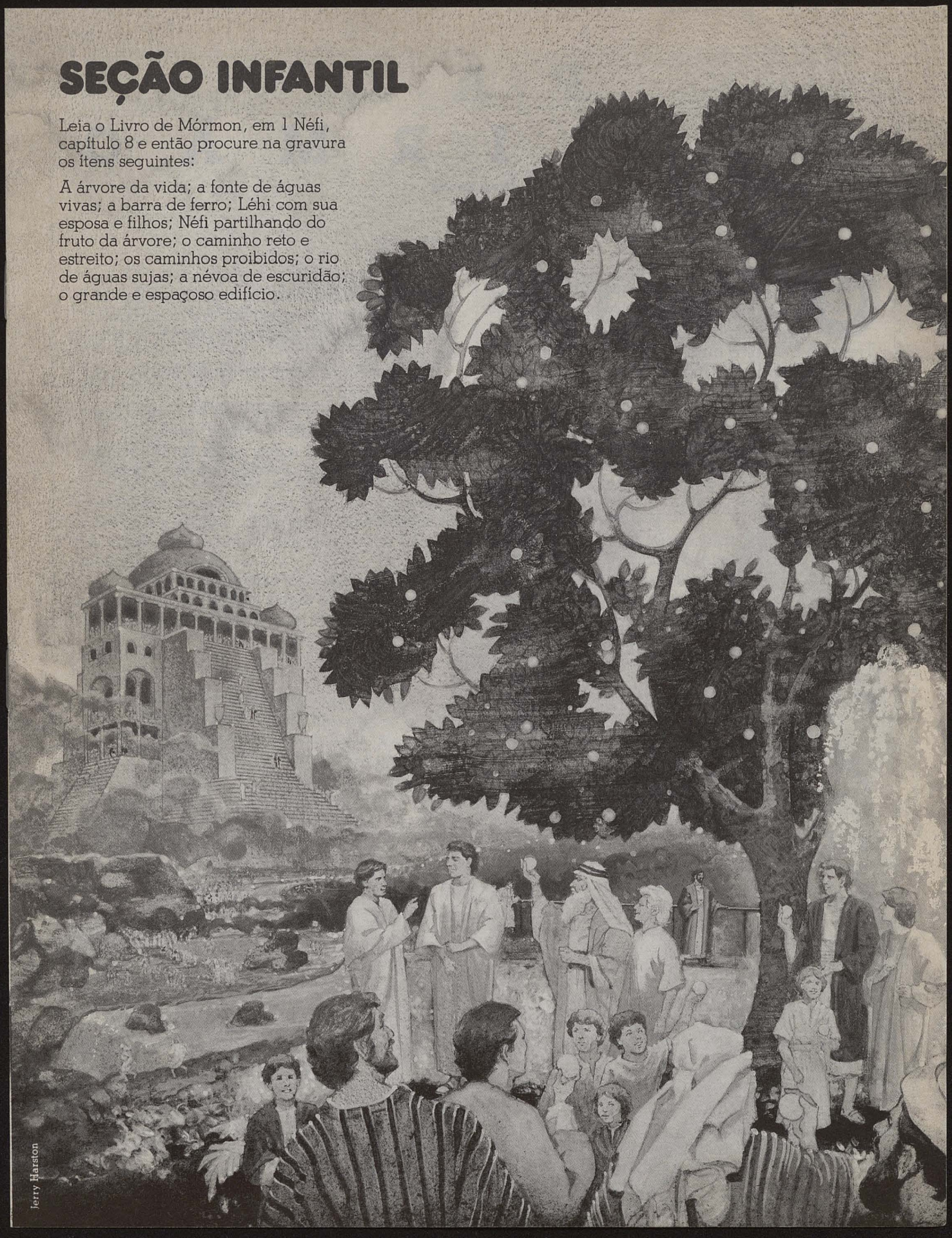
2 PAZ, MEU IRMÃO Nina Lewis
5 SÓ PARA DIVERTIR Roberta Fairall
6 A CAIXA DE DOMINGO Virginia H. Pearce e Kathleen H. Barnes
8 **HISTÓRIAS DAS ESCRITURAS:**
CÍRCULO DE FOGO



SEÇÃO INFANTIL

Leia o Livro de Mórmon, em 1 Néfi, capítulo 8 e então procure na gravura os ítens seguintes:

A árvore da vida; a fonte de águas vivas; a barra de ferro; Léhi com sua esposa e filhos; Néfi partilhando do fruto da árvore; o caminho reto e estreito; os caminhos proibidos; o rio de águas sujas; a névoa de escuridão; o grande e espaçoso edifício.



Jerry Harston

PAZ, MEU IRMÃO

Nina Lewis

O pai jogou uma pilha de livros sobre a mesa e anunciou: — Hoje, em nossa noite familiar, escreveremos nosso testemunho num Livro de Mórmon. Treinem primeiro num pedaço de papel. Depois, usando sua melhor letra, ponham seu testemunho na contracapa e assinem seu nome. Colaremos uma foto de vocês abaixo do testemunho, e amanhã daremos os livros ao bispo para que ele os entregue aos missionários.

— É uma boa idéia — disse a mãe. O que escrevemos talvez inspire alguém a filiar-se à Igreja. Vamos por nosso endereço embaixo das fotos também, e talvez alguém nos escreva em resposta.

David e Anna foram correndo buscar uma folha de papel.

— Vou escrever sobre o sacerdócio e como fui ordenado diácono — disse David.

— Vou escrever sobre nossa família e como podemos ficar juntos eternamente — disse Anna.

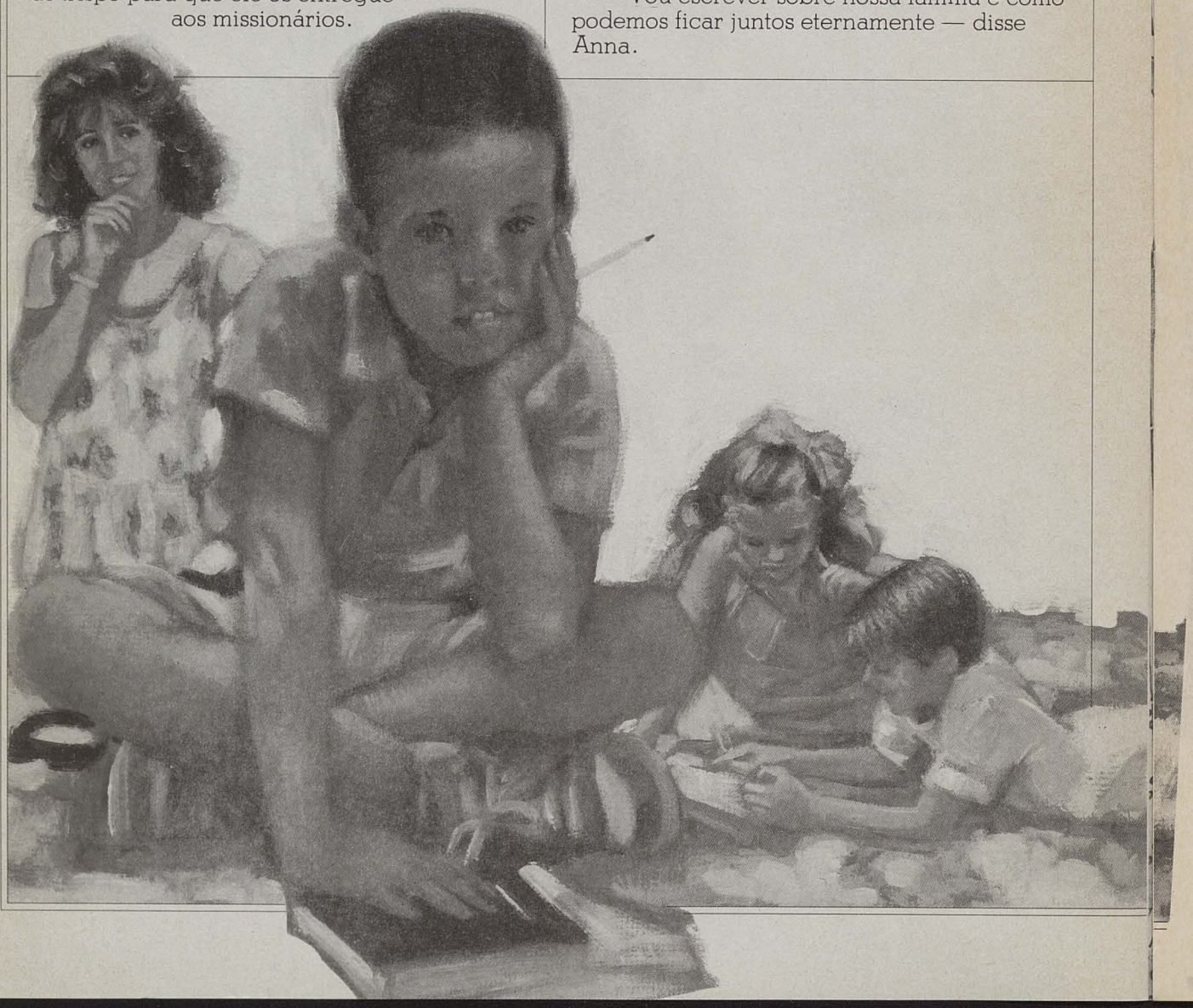


Ilustração de Diane Pierce; fotografia de Craig Dimond.

John ficou simplesmente sentado olhando fixamente para o papel.

Logo todos, exceto John, estavam atarefados escrevendo. Alguns minutos depois, a mamãe parou e disse: — O que há de errado, John?

— Nada — ele murmurou.

— Você não consegue decidir o que dizer? — perguntou o pai.

John balançou a cabeça.

— Talvez você possa escrever como a Igreja tem um profeta vivo — sugeriu a mãe — ou como lemos o Livro de Mórmon todos os dias em família e como isso ajuda você a fazer as escolhas certas.

— Sim acho que poderia — disse John, continuando a fitar seu papel um pouco mais. *O que eu poderia dizer que ajudasse alguém?* imaginava ele. *Quem irá acreditar no que um menino de sete anos tem a dizer?*

John pensou no seu próximo aniversário. Seria dali a quatro meses, e então ele seria batizado. Uma idéia começou a formar-se em sua cabeça, e ele se pôs a escrever. Várias vezes ele amassou o papel e jogou fora, mas continuou a trabalhar no projeto.

Todos tinham terminado de escrever quando John finalmente começou a copiar seu testemunho na contracapa de um Livro de Mórmon. Quando terminou, releu-a pela última vez.

Satisfeito, John colou cuidadosamente sua foto embaixo do que escrevera, escreveu seu endereço e colocou o livro na pilha.

— Todos terminaram? — perguntou o pai.

— Sim — respondeu John. — Foi mesmo bem difícil!

— Às vezes é difícil tentar expressar seus sentimentos — concordou o pai. — Compartilhar seu testemunho não só ajuda outra pessoa a conhecer a Igreja. Ajuda também o *seu* testemunho a ficar mais forte.

— É por isso que me sinto tão bem agora? — perguntou John.

— Tenho certeza que sim. E quando uma pessoa pegar o seu livro e ler o que você escreveu, talvez tenha o mesmo sentimento bom também.

Todos os dias depois da escola, John corria ansiosamente para a caixa do correio, esperando encontrar uma resposta da pessoa que recebesse seu Livro de Mórmon.

Mas foi Anna quem disse agitadamente um dia: — Uma resposta! Uma resposta! Recebi uma resposta! — E três dias depois, o pai e David também receberam uma carta.

— Minha carta percorreu meio mundo até chegar aqui — gabou-se David.

Lágrimas brotaram nos olhos de John. Foi furtivamente até o fundo da casa e sentou-se debaixo da sua árvore preferida.

A mãe veio e sentou-se ao lado dele. Ela ficou em silêncio durante alguns minutos, e

Meu nome é John Richards. Tenho sete anos. Logo farei oito. Quando fizer oito anos, serei batizado por imersão como Jesus. Meu pai vai batizar-me e confirmar-me membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Creio que essa é a verdadeira Igreja de Cristo. Se você ler este livro e orar a respeito dele, o Pai Celestial vai dizer-lhe que os ensinamentos contidos nele são verdadeiros. Então você poderá ser batizado também. Por favor, escreva e diga-me como se sente quando ler este livro.

Sinceramente,

John Richards

depois disse: — Você está realmente decepcionado, não está? Quer falar sobre isso?

John hesitou, depois enxugou as lágrimas com as costas da mão. — E se a pessoa que pegar meu livro rir do que eu disse? E se ela pensar que sou bobo? E se ela achar que uma criança não sabe nada, e decidir não ler meu livro?

A mãe pôs os braços gentilmente em volta de John. — Ninguém irá rir. A pessoa saberá que você é muito sincero e se preocupa com ela. E as crianças conseguem muitas vezes tocar o coração das pessoas muito melhor que os adultos.

— Então por que não recebi uma resposta?

— Não sei, mas tenho certeza de que há uma boa razão. Talvez os missionários simplesmente ainda não encontraram a família certa para dar o seu Livro de Mórmon. E quer gostemos ou não, simplesmente porque prestamos testemunho não significa que as pessoas que os recebem vão aceitá-los. Também ninguém escreveu para mim ainda; assim, vamos esperar que ainda recebamos uma carta. Às vezes simplesmente demora um pouco.

Naquela noite, quando fomos para a cama, John orou: "Querido Pai Celestial, por favor ajuda os missionários a encontrarem a pessoa certa para o meu Livro de Mórmon. Abençoa-a para que não ria do que escrevi. Abençoa-a para que leia o Livro de Mórmon e ganhe um testemunho. Em nome de Jesus Cristo, amém."

Os dias se transformaram em semanas. Finalmente, chegou o dia do batismo de John. Pouco antes da hora do almoço, Anna entrou em casa correndo e gritando: — John, John! Veja o que o carteiro acabou de trazer.

John pegou o envelope que Anna estava agitando na mão e o abriu rapidamente. Dizia:

Querido John Richards,

Por favor, perdoe-me por demorar tanto tempo para escrever. Meu nome é Tuilolo Tuiaaga. Moro com minha mulher e quatro filhos em Pago Pago, na ilha samoana chamada Tutuila. Um dia seus missionários apareceram aqui. Eu estava ocupado em minha padaria e não tinha tempo de ouvir. Mas minha esposa ouviu e guardou seu livro e o leu.

Então chegou um tempo ruim para minha família. Minha padaria pegou fogo. Nosso bebê doente ficou pior. Os médicos tentaram tudo, mas a pobre pequena Sina morreu.

Minha esposa disse que Deus ama Sina. Deus nos ama. Ela disse que ele se preocupa. Fiquei muito nervoso. Gritei: "Se ele nos ama, por que a padaria se incendiou? Por que Sina morreu?"

Certa noite eu estava muito magoado. Não conseguia dormir. Sentei-me no escuro. O livro estava ao lado da minha cadeira. Eu queria queimar o livro. Peguei-o. Vi sua foto e li seu testemunho. Então li, li e li o livro. Li novamente o que você escreveu. O Espírito me disse que eu encontrara a verdade. Eu acreditei. Acordei minha mulher. Choramos e oramos. Orei para que o Senhor perdoasse minha raiva. Senti paz na alma.

Toda nossa família será batizada no dia 30 de agosto. Estamos muito felizes. Agradeço-lhe por ter mandado o Livro de Mórmon.

Paz para você, meu irmão,

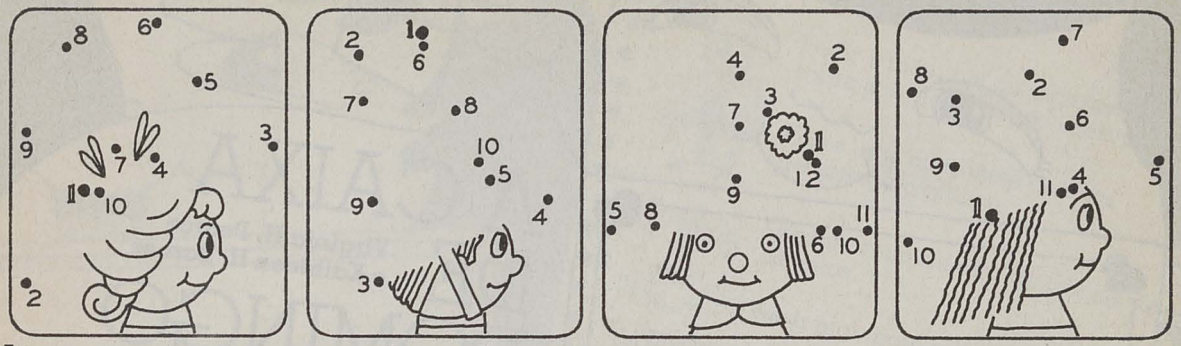
Tuilolo Tuiaaga

Naquela noite, no dia 30 de agosto, quando John saiu das águas do batismo, murmurou: "Paz para você, Tuilolo. Paz para você." □

SÓ PARA DIVERTIR

LIGUE OS PONTOS

Roberta Fairall



Ligue os pontos e encontre o chapéu de que você mais gosta.

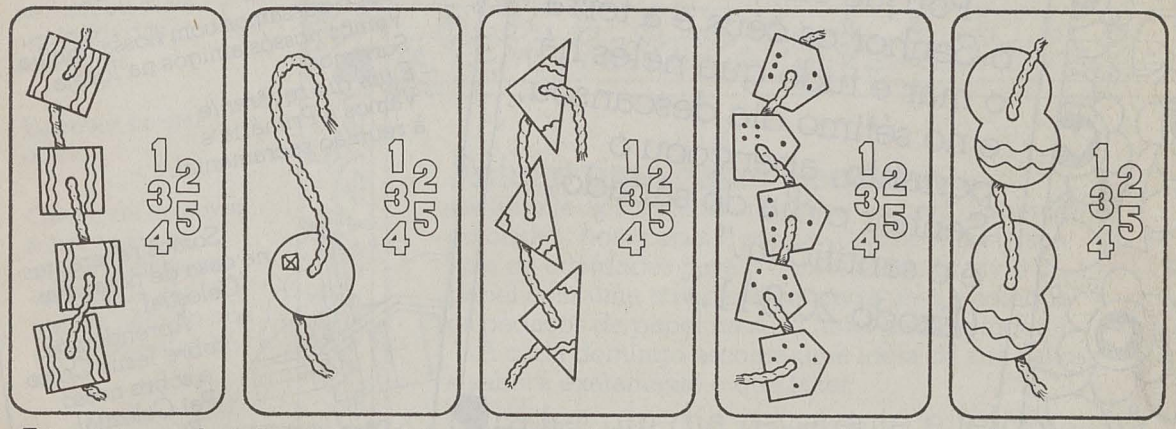
LABIRINTO

Siga a linha ininterrupta que o levará à saída.

Kay Stevenson

CONTE AS CONTAS

Faça um círculo em torno do número que mostra quantas contas foram colocadas no cordão.



Esta página poderá diverti-lo também se você a colorir depois que completar todas as brincadeiras.

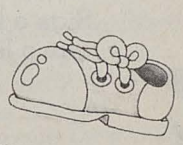
A CAIXA DE DOMINGO

Virgínia H. Pearce
e Kathleen H. Barnes

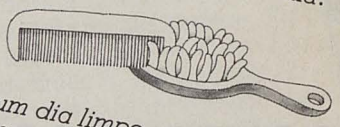
"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra.

Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: Não farás nenhuma obra...

Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e no sétimo dia descansou; portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou."
(Êxodo 20:8-11.)



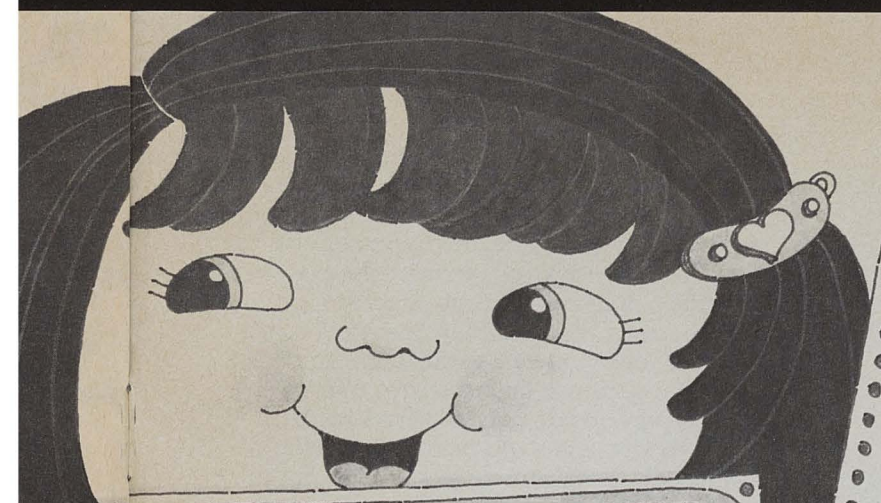
O domingo é um dia diferente de qualquer outro dia da semana. Devemos mostrar reverência em nossos pensamentos e ações nesse dia.



É um dia limpo
Nossos sapatos estão lustrados.
Nossas roupas estão lavadas.
Nosso cabelo está penteado.
É um dia feliz
Nós o passamos com nossa família.
Vemos nossos amigos na Igreja.
Sorrimos.
É um dia reverente
Vamos à Primária e
à reunião sacramental.

Somos reverentes na casa de nosso Pai Celestial. Aprendemos sobre Jesus Cristo e sobre nosso Pai Celestial. E mesmo em casa, fazemos coisas calmas e reverentes.

Julie F. Young



Porque o domingo deve ser

um dia de adoração e descanso, nós não fazemos muitas coisas que fazemos nos outros dias.

Faça sua própria lista de coisas diferentes que você poderia fazer no domingo. Eis aqui algumas atividades sugeridas:

Visitar um amigo.

Ler e representar uma parábola ou outra história das escrituras.

Dar um passeio a pé.

Escrever uma carta ilustrada para um missionário ou algum conhecido.

Telefonar ou escrever à sua avó e seu avô para dizer-lhes o quanto você os ama.

Ler um ou mais capítulos das escrituras.

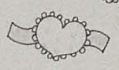
Escrever no seu diário.

Contar ou escrever sobre todas as coisas bonitas que você pode ver ou pensar naquilo que o Pai Celestial lhe deu.

Pedir à mãe, pai ou avós que lhe contem sobre sua vida quando eram crianças.

Fazer uma marionete de uma personagem bíblica.

Desenhar um quadro de três de suas bênçãos.


Fazer algo bom secretamente para alguém.

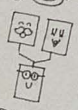
Fazer um centro decorativo para a mesa.

Preparar um livro de recortes.

Memorizar as palavras de um hino ou poema preferidos.

Ler uma história da sessão infantil de *A Liahona*.

Perguntar à sua mãe se pode convidar um amigo para o almoço ou para o jantar.


Aprender sobre seus ancestrais e preencher uma folha de registro de história da família.

Ler um livro.

Enfeite uma caixa pequena

ou recipiente apropriado com lápis de cera, canetas coloridas, fios, papel e renda. Depois recorte sua lista de atividades para o domingo em tiras de papel com uma atividade em cada uma e coloque os pedaços de papel na sua Caixa de Domingo.

A cada domingo escolha uma idéia da sua caixa e saberá exatamente o que fazer

para ter um dia reverente e feliz.

Histórias das Escrituras

CÍRCULO DE FOGO

Mabel Jones Gabbot

A notícia assustadora de que havia fogo na prisão espalhou-se rapidamente entre os lamanitas na terra de Néfi. E muitos correram para ver o que havia acontecido com Léhi e Néfi, filhos de Helamã, que naquele mesmo dia deveriam ser mortos. Depois de converter oito mil lamanitas à igreja de Deus, Léhi e Néfi haviam sido jogados na prisão onde durante muitos dias ficaram sem comida. Aquele era o dia em que os soldados iriam matar seus prisioneiros nefitas.

Aminadab, um nefita de nascimento que já pertencera à igreja, correu ao lado dos soldados e dos curiosos. Quando chegaram à prisão, ficaram surpresos ao ver que Léhi e Néfi estavam cercados por um pilar de fogo. Mas o calor era tão intenso que os lamanitas não conseguiam chegar perto dos presos. E quando viram que Néfi e Léhi estavam de pé no meio das chamas sem se queimar, ficaram mudos de espanto.

Embora Néfi e Léhi estivessem fracos e famintos, sabiam, por causa de sua fé, que estavam sendo protegidos de seus inimigos. Falando aos lamanitas corajosamente, disseram: "Não temais, pois eis que foi Deus quem vos mostrou esta maravilha... não podeis... nos matar."

De repente, a terra tremeu, e uma grande nuvem de escuridão cobriu os que estavam ali reunidos. Eles ficaram paralisados de medo, e acima da nuvem de escuridão ouviu-se uma voz, dizendo: "Arrependei-vos, arrependei-vos, e não procureis mais destruir meus servos, os quais enviei para vos anunciar boas novas."

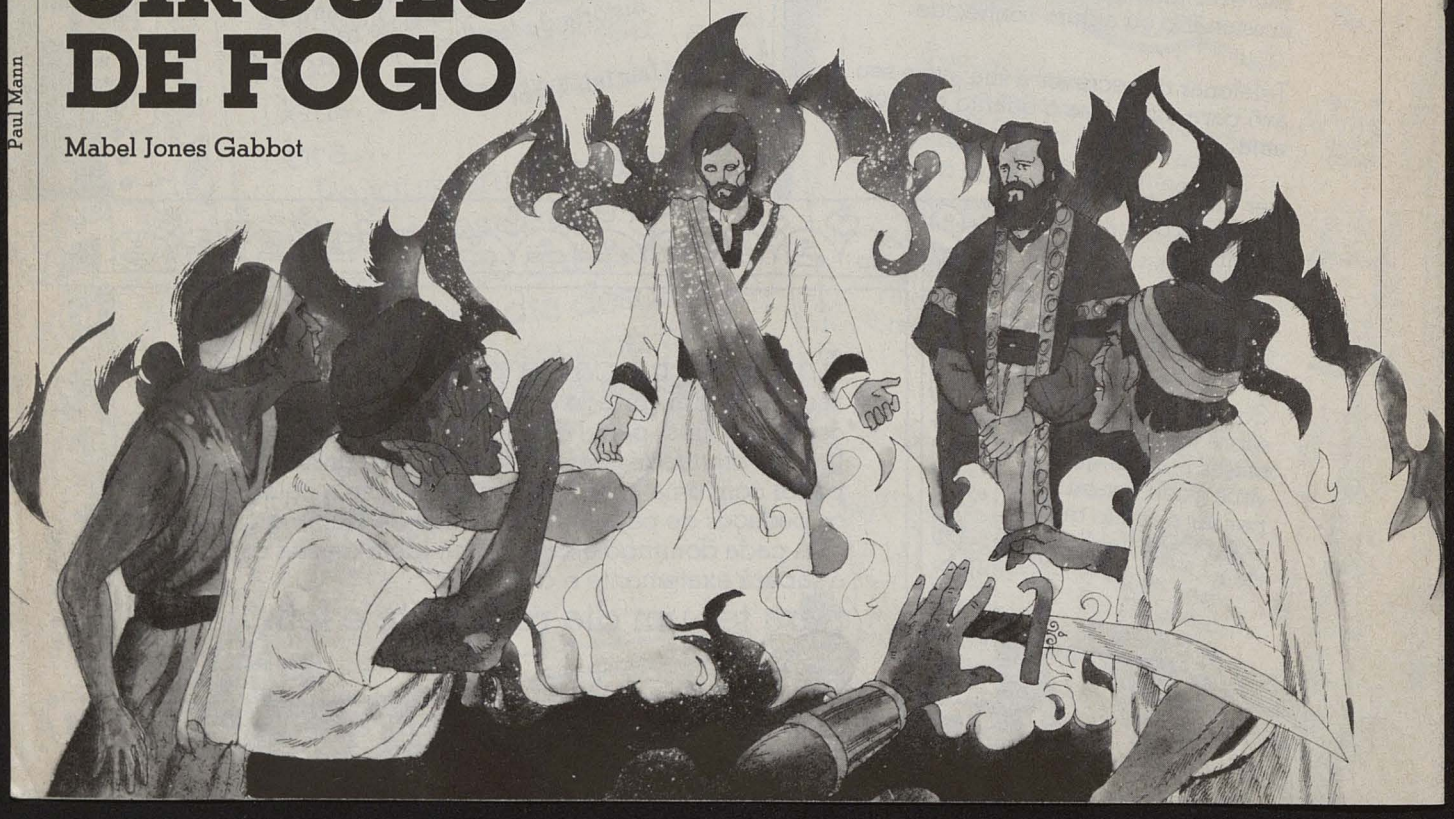
Três vezes a voz varou a escuridão. Embora a voz fosse suave, quase um sussurro, a terra tremeu e as paredes da prisão estremeceram.

Aminadab virou-se e viu os rostos de Néfi e Léhi brilhando na nuvem de escuridão. Então chamou as pessoas para que olhassem e acreditassem nas palavras de Néfi e de Léhi, e que se arrependessem e acreditassem em Cristo. Os lamanitas humildemente clamaram ao Senhor com grande fé. De repente a nuvem de escuridão se dissipou e eles também estavam envolvidos pelo fogo. O Espírito Santo de Deus desceu dos céus e penetrou em seu coração.

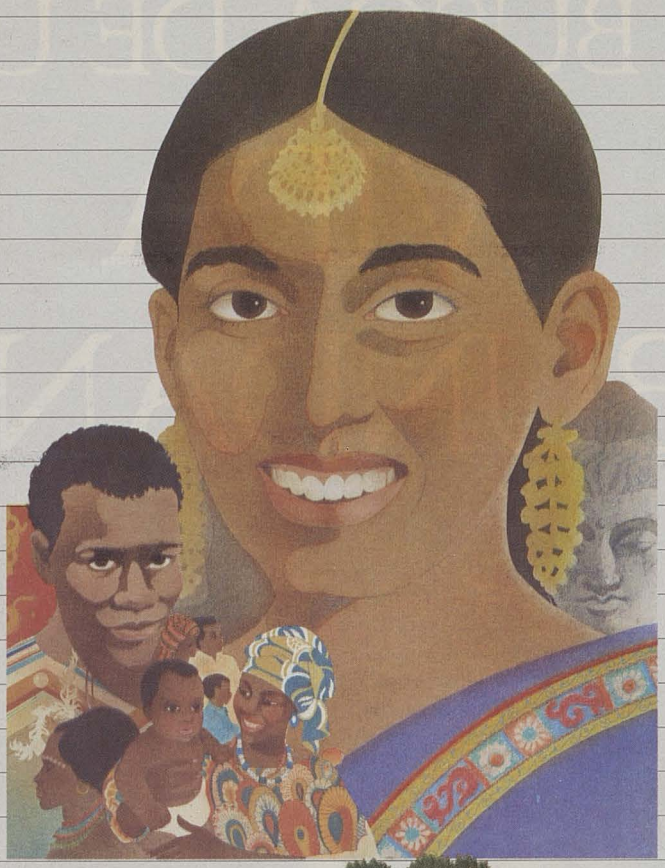
"E sucedeu que ouviram uma voz, sim, uma voz agradável, semelhante a um sussurro, que disse:

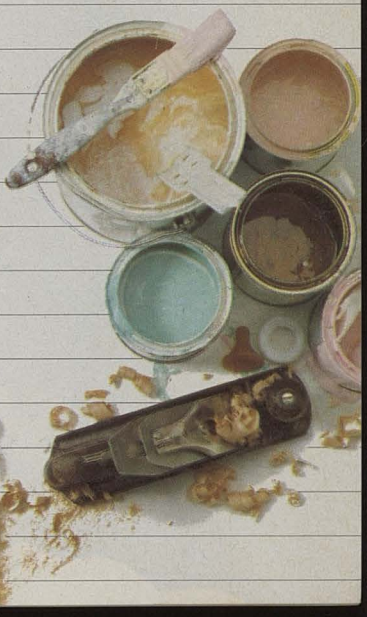
Paz, paz seja convosco, em virtude de vossa fé em meu Bem-Amado..." □

(*Esta história se encontra em Helamã 5.*)



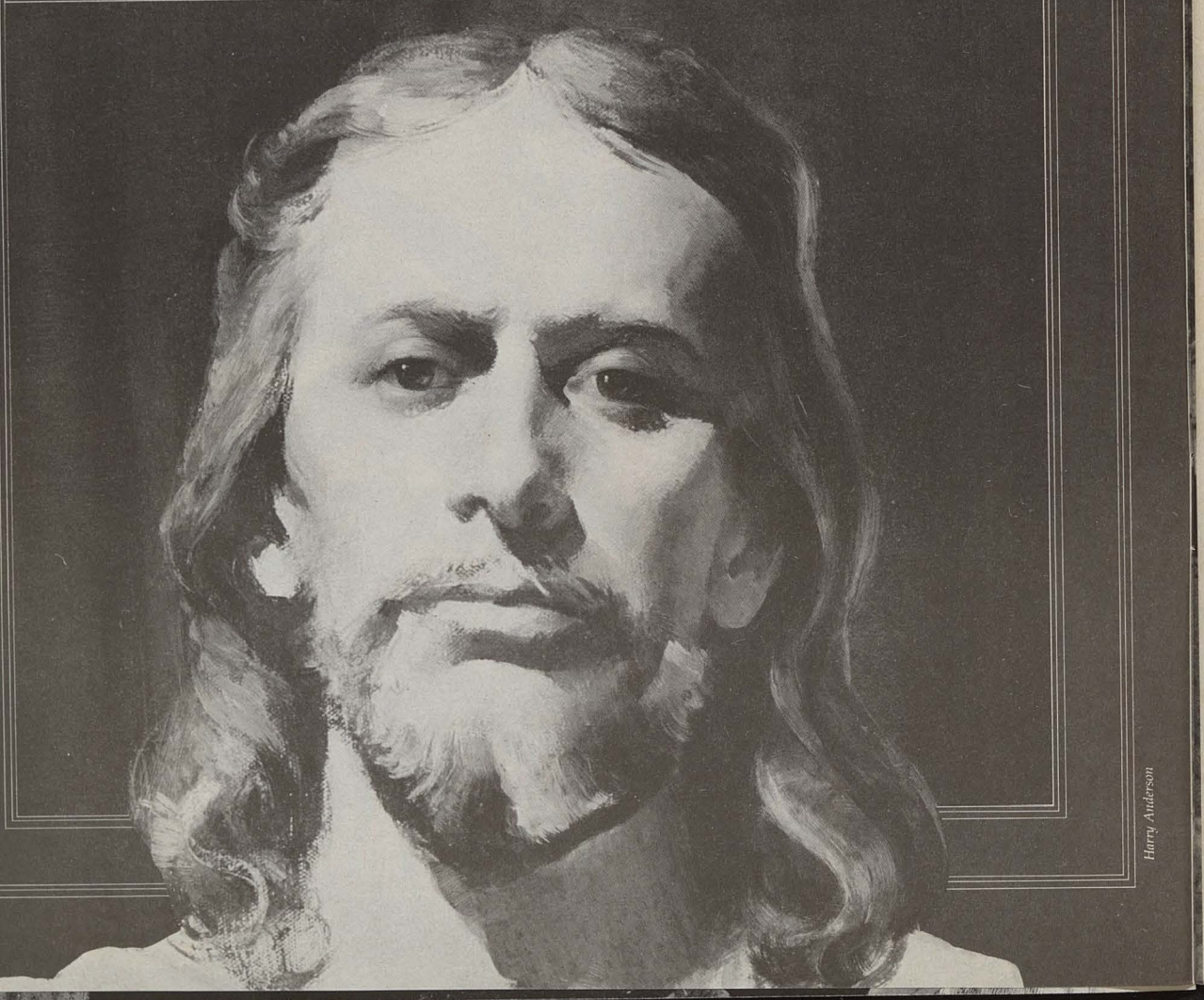
Paul Mann





MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

EM BUSCA DE UMA VIDA ABUNDANTE



Harry Anderson

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

QUE VIDA EMPOLGANTE está ao alcance de cada um de nós hoje! Podemos não ser como os navegadores e exploradores de antigamente, cujas viagens de descoberta os levaram até os extremos conhecidos da terra. Mas podemos ser exploradores em espírito, e seguir o desejo de tornar este mundo melhor, descobrindo maneiras melhores de viver e de fazer as coisas.

O espírito de exploração, seja da superfície da terra, da vastidão do espaço ou dos princípios do viver justo, inclui o desenvolvimento da capacidade de enfrentar dificuldades com coragem; a decepção com alegria; e o triunfo com humildade.

Deus deixou o mundo inacabado para que o homem usasse suas habilidades ao agir sobre ele. Deixou a eletricidade nas nuvens, o petróleo na terra. Deixou os rios sem pontes e as florestas intactas, e as cidades sem construir. Deus dá ao homem o desafio dos materiais brutos, não a facilidade e comodidade das coisas prontas. Deixa as telas sem pintar e músicas sem cantar, e os problemas sem resolver, para que o homem possa conhecer as alegrias e glórias da criação.

No entanto, no último meio século, tem havido um afastamento gradual mas contínuo dos padrões de excelência em muitas fases de nossa vida.

Vemos exemplos de negócios sem moralidade; ciência sem humanidade; conhecimento sem caráter; adoração sem sacrifício; prazer sem consciência; política sem princípios; e riqueza sem trabalho.

Talvez o renomado escritor inglês Charles Dickens, sem na realidade o perceber, tenha descrito a nossa época quando falou de um período dois séculos atrás. Seu clássico *A Tale of Two Cities* começa assim:

"Era o melhor dos tempos e o pior dos tempos, era a idade da sabedoria e a idade da loucura, era a época da fé e a época da incredulidade, era a estação da Luz e a estação das Trevas, era a primavera da esperança e o inverno do desespero, tínhamos tudo à nossa espera e não tínhamos nada."

Medir a qualidade de vida pelos seus encantos e prazeres, e pela sua segurança é usar um padrão falso. A vida abundante não consiste em luxo sem fim. Não se contenta com o prazer produzido comercialmente, tomando-o erroneamente por alegria e felicidade.

Ao contrário, *a obediência à lei, o respeito aos semelhantes, o autodomínio, a alegria em servir* — tudo isto constitui a *vida abundante.*

Talvez entendêssemos melhor essas coisas essenciais se as discutíssemos uma de cada vez.

OBEDIÊNCIA À LEI

Imediatamente nos reportamos àquele código de conduta reverenciado e renomado que orientou a humanidade em todas as confusões concebíveis. E ao fazê-lo, imaginamos ouvir a voz no Monte Sinai falando-nos hoje:

Não terás outros deuses diante de mim.
Não farás para ti imagem de escultura.
Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.
Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.
Honra a teu pai e a tua mãe.
Não matarás.
Não adulterarás.
Não furtarás.
Não dirás falso testemunho.
Não cobiçarás. (Vide Êxodo 20:3-4, 7-8, 12-17.)

Anos após ter sido dada a lei de Moisés, chegou o meridiano dos tempos trazendo uma grande investidura — um poder mais forte que as armas, uma riqueza mais duradoura que as moedas de César; pois o Rei dos reis e Senhor dos senhores acrescentou aos princípios da lei o conceito do amor.

Lembrais-vos da pergunta sutil do doutor da lei? "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?"

Mais importante ainda, lembrai-vos da resposta? "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:36-39.)

Estas são as leis de Deus. Violando-as, sofremos conseqüências permanentes. Obedecendo a elas, colheremos alegria eterna.

Não nos esqueçamos da obediência às leis da terra. Muito mais do que restringir nossa conduta, elas garantem nossa liberdade, nos dão proteção e garantem tudo que nos é caro.

Em nosso tempo, quando homens até então honrados manobram a lei, distorcem a lei e fecham os olhos às violações da lei, quando o crime fica sem punição, penalidades legalmente impostas não são cumpridas e a conduta irresponsável e ilegal ultrapassa qualquer coisa já registrada, existe uma real necessidade de se voltar à justiça básica que as leis garantem quando homens honestos as apóiam.

Com minha experiência no mundo dos negócios, devo mencionar também a obediência às leis da economia. Nem pessoas nem companhias podem gastar continuamente mais do que ganham e permanecer estáveis. Essa lei se aplica tanto às nações

Harry Anderson

OBEDIÊNCIA À LEI

Nós nos reportamos àquele código reverenciado e renomado de conduta dos Dez Mandamentos. E ao fazê-lo, imaginamos ouvir a voz no Monte Sinai falando-nos hoje.

RESPEITO AOS SEMELHANTES

Como observou o Apóstolo Paulo, "Recordai as palavras do Senhor Jesus: mais bem-aventurada coisa é dar do que receber."

AUTODOMÍNIO

A história está cheia de exemplos de pessoas com deficiências físicas que chegaram à grandeza. O grande compositor alemão Ludwig van Beethoven continuou a compor mesmo depois de totalmente surdo.

ALEGRIA EM SERVIR

Ninguém aprende o significado da vida até sujeitar-se a servir ao próximo.

Moisés, Ted Henninger. O *Apóstolo Paulo*, Guido Reni; photo © usado com permissão de Three Lions, New York. *Retrato de Beethoven*, Joseph Karl Stieler, extraído de "The Changing Image of Beethoven" © 1987 por Alessandra Comini. O *Bom Samaritano*, Del Parsons.

como aos homens. E quando as decisões econômicas são baseadas em teorias e não na lei, temos o caos.

Certa pessoa, em sua sabedoria, observou: "As leis são as regras que regem o jogo da vida." Na realidade, são muito mais; pois a obediência à lei é um requisito essencial se quisermos ter sucesso na busca da vida abundante.

RESPEITO AOS SEMELHANTES

Aprendamos a respeitar os outros, se quisermos obter a vida abundante. O homem é tentado por natureza, a buscar apenas a sua glória e não a glória do próximo ou a glória de Deus. Nenhum de nós vive só — em sua cidade, em sua nação, no mundo. Não existe uma linha divisória entre nossa prosperidade e a pobreza do próximo.

Há uma lei imutável segundo a qual quanto mais derdes, mais recebereis. Viveis daquilo que ganhais, mas fazeis uma vida com aquilo que dais.

Como observou o Apóstolo Paulo em seu mandamento aos anciãos: "(Recordai) as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber." (Atos 20:35.) Esta é uma verdade mais profunda do que muitos de nós percebemos. Mais que isso, é uma verdade muito prática.

Em termos específicos, o Senhor nos disse na parábola do rico insensato:

"Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.

> Viveis daquilo que ganhais, mas fazeis uma vida com aquilo que dais.

E propôs-lhes uma parábola, dizendo: A herdade dum homem rico tinha produzido com abundância;

E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos.

E disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens;

E direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe e folga.

Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?

Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus." (Lucas 12:15-21.)

Nossa vida é abençoada com felicidade quando há respeito genuíno de uns pelos outros. Particularmente aos ainda não casados, eu aconselho: Aqueles que se casam na esperança de formar um companheirismo permanente têm como requisito certas habilidades e atitudes mentais. Eles precisam ser diligentes em se adaptar um ao outro; precisam da capacidade de resolver os problemas mútuos; precisam da vontade de dar e receber na busca da harmonia; e precisam de altruísmo no mais alto grau — a consideração pelo cônjuge tomando o lugar do desejo egocêntrico. Isto é respeito, e parte de nossa busca da vida abundante.

AUTODOMÍNIO

Talvez a mais segura prova de integridade de uma pessoa seja a recusa de fazer ou dizer qualquer coisa que possa prejudicar seu auto-respeito.

Um dos requisitos da vida é ser capaz de fazer escolhas. Para isso precisamos saber como encarar as coisas e a nós mesmos. Temos de aprender também que viver significa ser capaz de enfrentar dificuldades; os problemas são uma parte normal da vida, e o importante é não se deixar vencer por eles.

A batalha pelo autodomínio pode deixar a pessoa um tanto magoada e machucada, mas sempre um homem ou mulher melhor. O autodomínio é um processo rigoroso na melhor das hipóteses; muitos de nós queremos que ele não exija esforço nem dor.

Ao invés de esforçar-se, algumas pessoas dão desculpas por não fazerem o que poderiam estar fazendo. Ouvimos o argumento: "Foram-me negadas as vantagens que outros tiveram na juventude." Outros dizem: "Sou fisicamente deficiente." Mas a história está cheia de exemplos de pessoas com deficiências físicas que chegaram à grandeza. O poeta grego Homero, o poeta inglês John Milton, e o historiador americano William Prescott tinham uma boa desculpa — eles eram cegos. O ateniense Demóstenes, o maior de todos os oradores, tinha uma desculpa maravilhosa — seus pulmões eram fracos, sua voz era rouca e desafinada, e ele gaguejava. O grande compositor alemão Ludwig van Beethoven continuou a compor mesmo depois de totalmente surdo. Todos eles tinham boas desculpas para não fazer nada — mas nunca usaram essas desculpas.

O mundo de hoje caminha a uma velocidade cada vez maior. As conquistas científicas são fantásticas, os avanços na medicina fenomenais, e a sondagem dos segredos interiores da terra e dos limites exteriores do espaço deixam-nos perplexos e admirados.

Em nossa era voltada para a ciência, conquistamos o espaço, mas não conseguimos controlar nosso ego; conseqüentemente, perdemos a paz interior.

Por meio da ciência moderna, o homem pode voar pelo espaço em alta velocidade e silenciosamente, e sem nenhum esforço viajar debaixo da água em embarcações movidas a energia nuclear. Agora que o homem pode voar como um pássaro e nadar como um peixe, gostaria de que ele aprendesse a andar na terra como um homem.

Espantosa como tem sido a exploração do espaço

pelo homem, suas conquistas na terra têm sido pouco menos extraordinárias. Por exemplo, os computadores, diz a revista *Time*, "estão transformando o mundo dos negócios, abrindo novos horizontes nos campos da ciência e medicina, mudando as técnicas educacionais e melhorando a eficiência do governo".

Será possível que essas máquinas capazes de somar, multiplicar, dividir, classificar, eliminar e guardar na memória algum dia sejam capazes de pensar? A resposta é definitivamente *não*. Embora o computador seja um avanço nos processos racionais do homem, ele não é o símbolo do Milênio, nem um competidor sério do cérebro humano. O homem consegue projetar as máquinas mais complexas, mas não pode dar-lhes vida nem conferir-lhes os poderes da razão e do discernimento.

Por quê? Porque esses poderes são dons divinos, conferidos apenas a critério de Deus.

> Para encontrar a verdadeira felicidade, temos de buscá-la fora de nós mesmos.

Deus fez certa vez um computador, construindo-o com infinito cuidado e precisão, excedendo os esforços de todos os cientistas juntos. Usando barro para a estrutura principal, instalou dentro dele um sistema para coleta de informações de todos os tipos e descrições, por meio da visão, audição e tato; um sistema circulatório para manter todos os canais constantemente limpos e em condições de uso; um sistema digestivo para preservar sua força e vigor; e um sistema nervoso para manter todas as partes em constante comunicação e coordenação. Colocado no Jardim do Éden, ele superava em muito o melhor computador moderno e era igualmente morto. Estava equipado para memorizar e calcular e resolver a mais complexa equação, mas alguma coisa lhe faltava.

Então Deus aproximou-se e "soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente". (Gênesis 2:7.)

É por esta razão que o homem tem poderes que nenhum computador moderno possui nem jamais possuirá. Deus deu vida ao homem e, com ela, o poder de pensar e de raciocinar e de decidir e de amar. Com esse poder dado a vós e a mim, o autodomínio torna-se uma necessidade, se quisermos ter uma vida abundante.

ALEGRIA EM SERVIR

Para encontrar a verdadeira felicidade, temos de buscá-la fora de nós mesmos. Ninguém aprende o significado da vida até sujeitar-se a servir ao próximo. O serviço aos semelhantes está relacionado com o dever, cujo cumprimento traz a verdadeira alegria.

Talvez nosso serviço seja para com a juventude. Se assim for, advirto-vos: "A juventude precisa de menos críticas e mais bons exemplos." Daqui a cem anos, não terá importância o tipo de casa em que moramos, quanto temos em nossa conta bancária, nem qual a aparência de nossas roupas. Mas o mundo poderá ser um pouco melhor porque fomos importantes na vida de um rapaz ou de uma jovem.

Dizia sabiamente o Dr. Hans Selye: "Nem riqueza, nem força, nem qualquer outro instrumento de poder jamais conseguirá garantir nossa segurança e paz mental com maior fidedignidade do que a certeza de ter inspirado gratidão em um grande número de pessoas." (*The Stress of Life*, New York: McGraw-Hill, 1956, p. 287.)

Esta é a alegria advinda do serviço.

Nossa instrução, nossa experiência, nosso conhecimento são instrumentos que devem ser usados com habilidade. Nossa consciência, nosso amor, nossa fé são instrumentos preciosos e delicados para orientar nosso destino. Foram-nos dados por Deus.

Que todos nós possamos atingir a medida plena do sucesso na busca pessoal da vida abundante por meio da *obediência à lei, do respeito ao próximo, do autodomínio* e *da alegria em servir*.

E assim fazendo, que tenhamos para sempre a paz oferecida por Jesus Cristo, o autor da vida abundante. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Algumas pessoas, erroneamente, medem a vida abundante pelos seus encantos, prazeres e luxo.
2. A alegria e a felicidade da verdadeira vida abundante encontram-se na obediência à lei, no respeito ao próximo, no autodomínio e na alegria em servir.
3. Viver os princípios discutidos neste artigo trará à nossa vida a paz prometida pelo Senhor.

Sugestões para o Debate

1. Fale sobre seus sentimentos pessoais a respeito de encontrar a verdadeira alegria e felicidade na vida.
2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar esse assunto depois de conversar primeiro com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem para o chefe da família?

"Léhi Abençoa Seus Filhos no Deserto", por Ronald Crosby. Copyright por Ronald Crosby.

Paul Mann

TRISTEZAS E ALEGRIAS

O QUE PODEMOS APRENDER COM LÉHI

Keith K. Hill

Há vários anos, quando visitava um amigo querido, percebi que ele parecia notavelmente desanimado. Ele é professor, e sua esposa não trabalha fora de casa. Com nove filhos, seus recursos financeiros são bastante limitados.

Perguntei-lhe como estava. Ele hesitou, não querendo falar sobre seus problemas. Mas finalmente, com lágrimas nos olhos, contou-me suas preocupações com a família. Um dos filhos havia abandonado o curso de segundo grau e saído de casa; passava agora o tempo bebendo, mascando tabaco, e indo a festas com os amigos. A filha de dezoito anos havia transgredido e planejava casar-se fora do templo. Seu filho de dezesseis anos tinha um sério problema de drogas e álcool. O filho mais velho de meu amigo estava em missão, mas os custos do tratamento antidrogas do filho de dezesseis anos estavam colocando em risco o fundo missionário e a estabilidade financeira da família.

Meu amigo me disse que se julgava culpado e indigno. Devido a toda a tensão na família, ele e sua esposa culpavam-se um ao outro pelos problemas dos filhos, e seu casamento estava sofrendo grande pressão. Era óbvio que ele lutava, perguntando a si mesmo por que todas essas coisas estavam acontecendo com sua família apesar de ele procurar viver o evangelho.

Muitos santos do últimos dias iniciam a trilha do evangelho com zelo, prevendo felicidade; ao invés disso, vêem-se assoberbados por desafios e dificuldades inesperadas. Algumas pessoas com tais problemas tornam-se amarguradas. Questionam o amor de Deus e se afastam dos compromissos que assumiram. Outras ainda perdem completamente a fé e buscam no pecado o alívio para sua dor.

Aqueles que sofrem essas dores podem aprender muito com a experiência de Léhi no deserto. Léhi encetou a aventura proposta pelo Senhor com todo zelo. Anos mais tarde, porém, revelou a dor e o sofrimento por que passara no deserto dizendo: "E agora falo a ti, José, meu filho mais jovem. Nasceste no deserto de minhas aflições; sim, nos dias de minhas maiores angústias tua mãe te deu à luz." (2 Néfi 3:1.)

Como Léhi, muitas pessoas se encontram naquilo que se poderia chamar perfeitamente de "deserto da aflição". Ficam isolados daqueles que amam por circunstâncias alheias ao seu controle. Desejam paz, mas sentem apenas desespero.

No entanto, tais experiências podem ajudar-nos a crescer. O Élder Marvin J. Ashton sugere que "a melhor medida da grandeza de uma pessoa é como ela enfrenta os acontecimentos da vida que parecem totalmente injustos, desarrazoados e imerecidos". ("Se as Suportardes Bem", *A Liahona*, janeiro de 1985, p. 22.)

Como Léhi, Temos de Começar da Maneira Certa

Léhi provera uma casa confortável para si e sua família em Jerusalém. Mas quando ouviu a palavra do Senhor, seu coração e sua alma encheram-se de paz e alegria. Sua riqueza material passou a ter menos importância que a alegria e esperança que sentiu ao pensar no amor que lhe fora oferecido pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Esse amor era como uma fruta deliciosa para sua alma.

Se um homem começa da maneira certa e continua como começou, é muito provável que termine da maneira certa. Se um homem começa da maneira errada e nela persiste, terminará de maneira errada. Léhi começou certo. Exerceu fé no Senhor Jesus Cristo e se arrependeu dos pecados com honestidade de coração, agindo sem hipocrisia. O arrependimento trouxe-lhe perdão e a companhia do Espírito Santo. Tendo vivido em retidão até aquela ocasião, Léhi estava pronto para o "deserto da aflição".

Léhi Viveu em Fé e Ação de Graças

A jornada de Léhi no deserto foi um ato de fé no Senhor. Lemos que ele "(deixou) sua casa, a terra de sua herança, seu ouro, sua prata e seus objetos preciosos, e nada mais levou consigo, exceto sua família, provisões e tendas, e partiu para o deserto". (1 Néfi 2:4.)

Quando a família havia viajado pelo deserto durante três dias, pararam e armaram suas tendas num vale ao lado de um rio. Ali, de acordo com o que lemos, Léhi "levantou um altar de pedras e fez uma oferenda ao Senhor e rendeu graças ao Senhor, nosso Deus". (1 Néfi 2:6-7.) No decorrer de toda a viagem de Léhi pelo deserto, ele sempre se lembrou do Senhor e

procurou guardar seus mandamentos. Em qualquer lugar ou situação em que estivesse, Léhi era humilde, adorava a Deus, e agradecia ao Senhor por misericórdia e bênçãos. Embora algumas pessoas o considerassem um homem idoso mal orientado, Léhi confiava em nosso Pai Celestial, sabendo que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus". (Romanos 8:28.)

A Visão de Léhi do Plano de Deus para Sua Família

Embora Léhi começasse da maneira certa, exercendo fé em Deus, com espírito de gratidão, ele não foi poupado da dor. Mesmo quando ofereceu um sacrifício em ação de graças, Lamã e Lemuel queixavam-se dele, chamando-o de "visionário" que "os havia tirado da terra de Jerusalém, tendo-os obrigado a deixar a terra de sua herança, seu ouro, sua prata e seus objetos preciosos, para morrerem no deserto. E diziam que ele havia feito isso por causa das loucas imaginações de seu coração". (1 Néfi 2:11.) Como os judeus de Jerusalém, Lamã e Lemuel rejeitaram as palavras do pai.

Léhi não era feito de pedra; era um homem com sentimentos; precisava do amor e apoio de sua família. Colocara-se sozinho contra seus contemporâneos, mas a rebelião de seus dois filhos mais velhos certamente causava um profundo sofrimento emocional.

Com grande esforço, Léhi acalmou as dúvidas dos filhos mais velhos e os persuadiu a voltarem a Jerusalém com Néfi e Sam para buscarem as placas de latão. Quando demoraram para voltar, Sariah, supondo que seus filhos estivessem mortos, também se queixou de Léhi, acusando-o de ser um velho tolo: "Tu nos tiraste da terra de nossa herança, meus filhos já não existem e nós morreremos no deserto." (1 Néfi 5:2.)

Poucas coisas são tão dolorosas como quando nosso cônjuge, de cujo apoio dependemos, afasta-se de nós pelo espírito da contenda e desentendimento. Léhi amava sua esposa e filhos, e queria que conhecessem os caminhos do Senhor como ele os conhecia. Ver os filhos rebelarem-se deve ter sido muito doloroso, mas ouvir a esposa expressar as mesmas acusações e temores provavelmente causou uma dor ainda maior a Léhi. Tais momentos podem ser anuviados pelo medo e dúvida, fazendo as pessoas se questionarem e possivelmente duvidarem até mesmo de Deus.

Em seu sofrimento, Léhi poderia facilmente ter-se afastado de Deus. Ao invés disso, voltou-se para ele com fé e confiança. Depois disso, foi-lhe concedido o que hoje chamamos de "sonho de Léhi". Nessa visão, foi mostrado a Léhi que seus filhos tinham o livre-arbítrio. Eles podiam rebelar-se contra ele e contra Deus e perder o Espírito do Senhor, ou poderiam confiar em Deus e provar do mesmo fruto precioso do evangelho que ele provara. A escolha era deles.

Entender isso provavelmente não eliminou a dor de Léhi, mas sem dúvida o aliviou de qualquer sentimento de culpa, e confirmou a bondade de Deus e seu envolvimento pessoal na vida de todos seus filhos.

A experiência de Léhi nos lembra que as provações e os sofrimentos podem ser, nas mãos de um Deus misericordioso, instrumentos com os quais ele molda seus filhos, transformando-os em filhos e filhas dignos da exaltação. John Taylor, que foi provado em sua própria fé, recordou que o Profeta Joseph Smith disse certa vez: "Deus sentirá junto convosco, e tocará vosso coração profundamente, e se não puderdes suportar, não estareis prontos para a herança no Reino Celestial de Deus." (*Journal of Discourses*, 24:197.)

Recentemente, o Élder Marvin J. Ashton observou que a mão de Deus está em tudo o que fazemos. Disse ele: "Quando nos sobrevierem pesares, tragédias e desânimo, não seria maravilhoso ouvir os sussurros de Deus a nos perguntar: "Sabes por que isto te aconteceu?" e de mente tranqüila, poder responder: "Não, mas tu sabes."

Certamente a paz é o oposto do medo. A paz é a bênção concedida àqueles que confiam em Deus. Ela se baseia na retidão individual." ("Paz — Triunfo de Princípios", *A Liahona*, janeiro de 1986, p. 62.)

Léhi Continuou Tentando

Assim como o aço puro tem de ser aquecido e esfriado, depois aquecido de novo, também os filhos e filhas de Deus que querem ser exaltados precisam de ser temperados no fogo e provados nas águas da adversidade repetidamente. Foi dito a Léhi que ele herdaria uma terra de promissão, mas parecia que, em vez disso, só encontrara discórdia, tristeza e dor.

Paul Mann

QUANDO NÉFI QUEBROU SEU ARCO E A FAMÍLIA ENFRENTOU UMA AMEAÇA DE INANIÇÃO, ATÉ MESMO LÉHI COMEÇOU A QUEIXAR-SE, MAS DEPOIS DE REPREENDIDO PELO SENHOR, ELE ARREPENDEU-SE E AGRADECEU A DEUS.

"Néfi Retorna com Carne Depois de Quebrar Seu Arco", por Clark Kelley Price.

Quando Néfi quebrou seu arco e vários dias de fome representavam uma ameaça de inanição, Lamã e Lemuel e os filhos de Ismael se indignaram. Até mesmo Léhi começou a queixar-se do Senhor. O fardo de filhos reclamadores, somado à fadiga, idade avançada, dias sem fim de peregrinação e ameaça de morte pela fome devem ter afligido sua alma.

O Senhor respondeu às queixas de Léhi. Lemos que "a voz do Senhor chegou a (Léhi); e ele foi verdadeiramente castigado por ter murmurado contra o Senhor, de tal forma que mergulhou em profunda aflição". (1 Néfi 16:25.) Depois de repreendido pelo Senhor, Léhi arrependeu-se e agradeceu a Deus; readquiriu forças e prosseguiu com fé.

Depois de ficar pouco tempo na terra da Abundância, a família de Léhi subiu a bordo do navio para atravessar o mar. No navio, mais uma vez Léhi foi afligido pelas ações de alguns de seus filhos. Lamã e Lemuel e os filhos de Ismael e suas esposas "começaram a ficar alegres" e se tornaram extremamente rudes. Quando Néfi tentou falar com eles, Lamã e Lemuel o amarraram. Depois disso, irrompeu uma tempestade que ameaçava afundar o navio.

Lemos que Léhi e Sariah, "muito velhos, tendo sofrido muito por causa de seus filhos, ficaram doentes a ponto de terem que ficar de cama.

Por causa de sua dor e do seu muito pesar, e das iniqüidades de (Lamã e Lemuel) haviam quase chegado ao ponto de serem levados desta vida para se encontrarem com seu Deus; sim, seus cabelos brancos estavam a ponto de descerem ao pó; e estavam a ponto de serem lançados por causa da dor, na sepultura das águas." (1 Néfi 18:17-18.)

Muitos de nós ansiamos pelo dia em que nos será possível "descansar e relaxar". Achamos que o Senhor nos "deve" um "final feliz". No entanto, para muitos de nós, esse final feliz pode não ocorrer nesta vida. O desafio é suportar as provações até que elas tenham terminado.

Nesse meio tempo, o refinamento de nossa alma continua para nos levar a experimentar o perdão de Deus e a receber o conforto que vem do Espírito. É interessante que são as coisas que procuram separar-nos de Deus que freqüentemente mais nos aproximam dele. Depois de ter passado quase uma vida inteira sofrendo perseguições e provações, o Apóstolo Paulo exclama:

"Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?...

Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou.

Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir,

Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor." (Romanos 8:35-39.)

Léhi também descobriu a paz. Depois de peregrinar pelas tribulações do deserto e chegar à terra prometida, pouco antes de sua morte, escreveu: "O Senhor redimiu a minha alma do inferno; eu vi a sua glória e estarei eternamente cercado pelos braços de seu amor." (2 Néfi 1:15.)

O "deserto da aflição" cumprira sua função, como o faz para aqueles que começam da maneira certa e continuam como começaram. A alma de Léhi fora purificada. Ele suportara as provações e estava agora pronto para receber a recompensa que o Senhor lhe prometera.

Como Léhi, meu amigo também chegou ao fim de seu próprio "deserto" pessoal. Os filhos retornaram à fé professada por seus pais e vão moldar sua vida de acordo com o exemplo de Cristo. A luta não foi fácil, mas todos a suportaram bem.

É certo que nem todas as histórias terminam tão bem quanto gostaríamos. Convém não esquecer que os dois filhos mais velhos de Léhi nunca reconheceram a virtude do pai. Mas isso não impediu que Léhi, Sariah, Néfi, Sam, Jacó e José participassem do amor de Deus.

A exaltação, afinal de contas, nos é concedida individualmente, à medida que "(operamos) (nossa) salvação com temor e tremor". (Filipenses 2:12.)

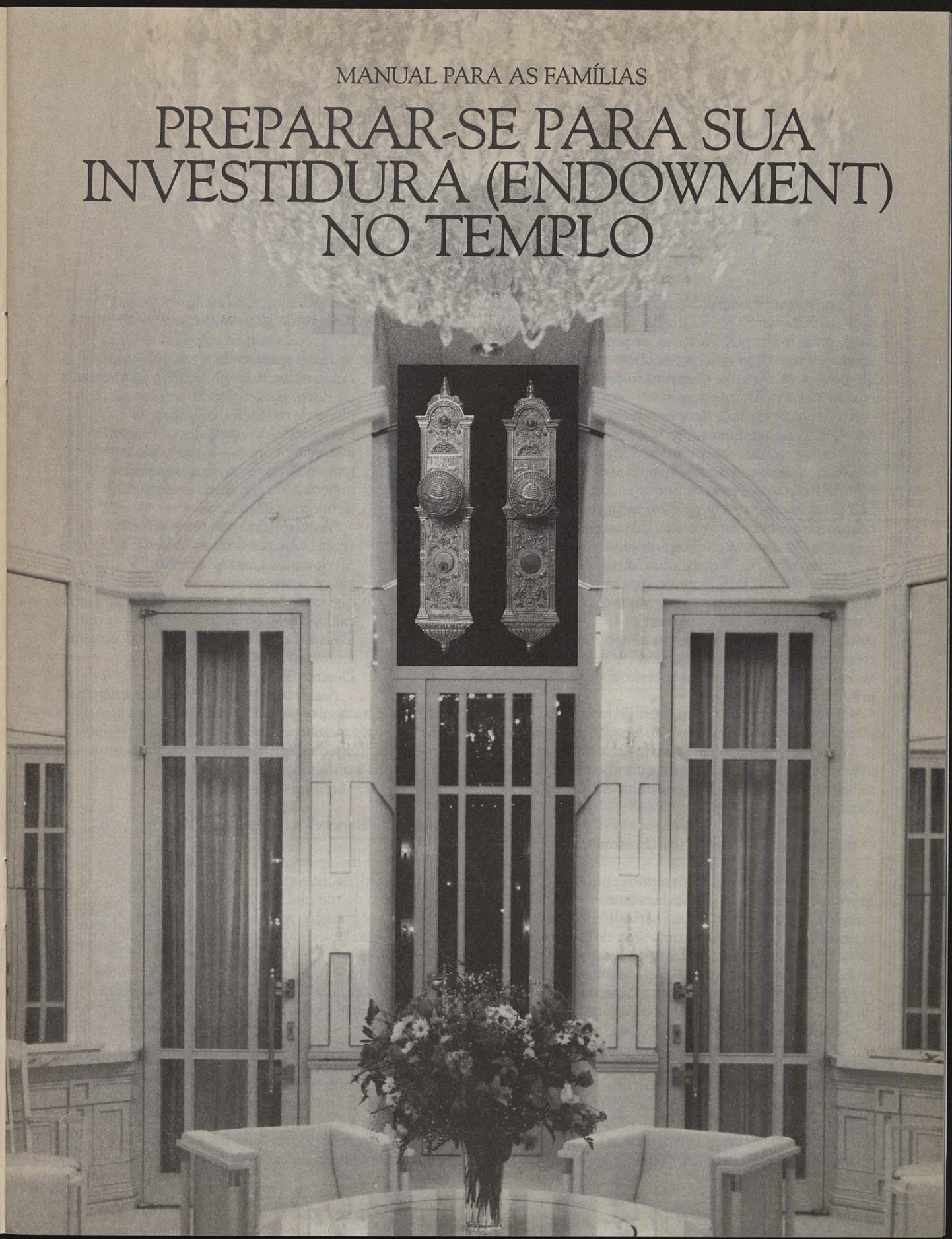
Talvez, em meio a nosso próprio "deserto", seja útil lembrarmo-nos das palavras:

E quando torrentes tiverdes que passar,
O rio do mal não vos poderá tragar;
Pois ele que pode a tormenta acalmar,
Seus santos queridos, seus santos queridos
Seus santos queridos virá resgatar!
("Que Firme Alicerce", *Hinos*, n.º 49.) □

Paul Mann

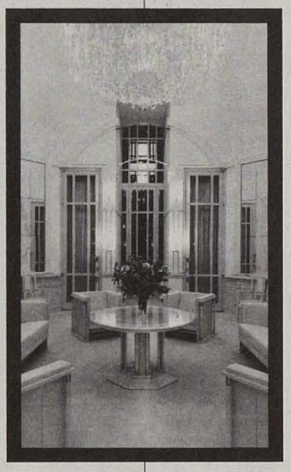
MANUAL PARA AS FAMÍLIAS

PREPARAR-SE PARA SUA INVESTIDURA (ENDOWMENT) NO TEMPLO



Por serem tão sagradas, as ordenanças do templo são discutidas só dentro das quatro paredes do próprio templo. Portanto, os professores ou amigos às vezes não têm certeza sobre o que podem dizer-lhe se você está-se preparando para receber as ordenanças maiores.

Ao se preparar, você deve encarar a experiência no templo com fé, reconhecendo que não entenderá todas as ordenanças nem tudo que o templo tem a ensinar-lhe na primeira vez que lá entrar. Sua primeira visita ao templo é apenas um belo começo para *toda uma vida* de contínua educação e esclarecimento espiritual.



O Élder John A. Widtsoe, do Conselho dos Doze, (1921-1952), escreveu que, entre as ordenanças realizadas no templo estão "batismos, ordenações sacerdotais, casamentos e selamentos para o tempo e a eternidade para os vivos e os mortos, ensino do evangelho e deliberações sobre a obra do ministério".

"O templo", diz ele, "é um lugar de instrução sacerdotal, de paz, convênios, de bênçãos e revelações ... Todos os membros fiéis são convidados e incentivados a ir aos templos o quanto antes e usufruir de seus privilégios." ("Com o Templo em Vista", *A Liahona*, junho de 1968, p. 19.)

O Significado da Investidura (Endowment)

Após o batismo, somos investidos com o dom do Espírito Santo. Mas a investidura (endowment) no templo é mais que isso. É uma série de convênios que fazemos com o Pai de levar uma vida de castidade e virtude, de sacrificar nossos desejos egoístas pelo serviço ao próximo para edificação do seu reino; e ele, em troca, nos promete proteção e bênçãos nesta vida e maiores bênçãos e glória na eternidade.

O Presidente Brigham Young disse: "Permitam-me dar uma curta definição. O endowment significa receber todas as ordenanças na casa do Senhor, as quais lhes são necessárias após deixarem esta vida, a fim de lhes permitir voltar à presença do Pai, passando pelos anjos que estão como sentinelas." (Citado em Spencer W. Kimball, "As Coisas Pertinentes à Eternidade — Expomo-nos a Perigos?" *A Liahona*, maio de 1977, p. 2.)

Por meio dessa ordenança, os santos dignos são investidos com poder do alto para suportar os males do mundo. Nela, eles recebem instruções sobre a criação da terra. Aprendem a respeito da transgressão de Adão e Eva e de sua expulsão do Jardim do Éden. São ensinados a respeito do plano de redenção, da apostasia e restauração do evangelho. O método de instrução, porém, e o conteúdo dado no templo são distintivos e merecem toda uma vida de consistente adoração e estudo no templo.

"As cerimônias do templo foram concebidas por um Pai Celestial sábio que revelou a nós nestes últimos dias como guia e proteção para toda a vida, a fim de que você e eu não deixemos (de merecer) exaltação no reino celestial, onde vivem Deus e Cristo." (Harold B. Lee, *Decisions for Sucessful Living*, Salt Lake City: Deseret Book, 1973, p. 141.)

Assim como o batismo é uma ordenança essencial para a *salvação*, a investidura (endowment) é essencial para a *exaltação*. Mais ainda, é uma ordenança individual que tem de ser realizada antes de recebermos a ordenança seladora do casamento eterno.

Dignos de Receber a Investidura (Endowment)

Participar das ordenanças do evangelho depende de nossa dignidade. Isto se aplica particularmente às ordenanças do templo. "Se nos faltar a dignidade e adequada preparação mental e emocional para receber as bênçãos da investidura (endowment), é melhor que não entremos na Casa do Senhor, onde a luz da verdade brilha intensamente, pois a luz tanto pode condenar quanto abençoar." (John K. Edmunds, *Through Temple Doors*, Salt Lake City: Bookcraft, 1978, p. 77.)

Os padrões de dignidade estabelecidos para a admissão no templo incluem:

- Ser moralmente limpo.
- Apoiar o Profeta como única pessoa na terra autorizada a exercer todas as chaves do sacerdócio.
- Viver de acordo com os padrões da Igreja.
- Não ter nenhum pecado não resolvido.

Paul Mann

Página anterior: Símbolo de pureza e luz eterna, a sala celestial no Templo de Frankfurt. Detalhe das portas do Templo de Lago Salgado.

- Ser honesto.
- Ser um membro ativo de boa reputação.
- Pagar o dízimo integralmente.
- Ter um relacionamento digno com todos os membros da família.
- Apoiar os líderes locais e gerais da Igreja.
- Guardar a Palavra de Sabedoria.
- Não ter filiações apóstatas.

Perguntam-nos se vivemos de acordo com esses padrões na entrevista com o bispo ou presidente do ramo e depois com um membro da presidência da estaca ou da missão, visando ao recebimento da recomendação para o templo. Aqueles que podem assegurar aos líderes do sacerdócio a sua dignidade, recebem uma recomendação para o templo que devem apresentar na entrada deste. A sua assinatura na recomendação é seu penhor pessoal de que é digno de entrar no templo.

O bispo ou o presidente de ramo poderá responder a qualquer pergunta que tenha em relação a outras regras e normas para a freqüência ao templo. Estas normas incluem:

- Os jovens recebem a investidura (endowment) pouco antes de sair em missão ou casar-se.
- O homem deve ser portador do Sacerdócio de Melquisedeque.
- A mulher solteira madura terá permissão de receber a investidura (endowment) antes de casar-se no templo ou quando o bispo sentir que ela está espiritualmente preparada.
- Uma pessoa casada com não-membro ou com uma pessoa sem investidura (endowment), tem permissão para solicitar a recomendação para o templo se o cônjuge o aprovar.
- Um converso à Igreja espera um ano antes de estar qualificado para entrar no templo.
- Exceto em casos de permissão especial, os casais que se casaram fora do templo também têm de esperar um ano para poderem receber a investidura (endowment) e selar o seu casamento.

A Primeira Vez Que Entramos no Templo

Se estiver com pressa na primeira vez que visitar o templo, alguma coisa ficará faltando. *Você só vai uma vez* para sua *própria* investidura (endowment); assim, vale a pena gastar tempo para tornar cada aspecto da experiência agradável e memorável. Você deve chegar cedo, não apenas para certificar-se de que a recomendação e as roupas estão em ordem, mas também para sentir-se calmo e contemplativo para que o Espírito Santo possa ajudá-lo a apreciar aquilo que está prestes a experimentar. Convém também saber que quando você vai ao templo pela primeira vez, um oficiante do templo estará constantemente ao seu lado para ajudá-lo.

Símbolos Sagrados e Adoração no Templo

No decorrer da história, o homem comumente tem usado símbolos para representar as verdades que aprende. Muitas das chaves para entender a investidura (endowment) no templo dependem da percepção dos símbolos. Os símbolos são um meio bastante simples de expressão, embora sejam necessários anos de adoração no templo para se perceber quanto nos podem ensinar os símbolos usados no templo. Sem discutir a cerimônia especificamente, podemos rever a *natureza* do simbolismo nela usado. Por exemplo, no livro *The Holy Temple*, o Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, escreve:

"Quando realizamos ordenanças no templo, vestimo-nos de branco, símbolo de pureza, dignidade e limpeza...

Os membros que recebem as ordenanças do templo, passam a usar uma roupa de baixo especial, chamada garment...

O garment representa convênios sagrados. Ele encoraja o recato e torna-se um escudo e proteção para quem o usa.

O próprio templo se torna um símbolo. Se vistes um dos templos à noite, totalmente iluminado, sabeis que vista impressionante ele pode ser. A casa do Senhor, destacando-se na escuridão, banhada de luz, torna-se

As instruções no templo nos ajudam a compreender melhor a missão de nossos pais terrenos. Adão e Eva (Estátua por Evelyn B. Evan

símbolo do poder e da inspiração do Evangelho de Jesus Cristo, destacando-se como um farol num mundo que mergulha cada vez mais fundo na escuridão espiritual.

Essa luz também é símbolo de um outro tipo de luz — a luz espiritual... A quantidade de luz espiritual que absorvemos como parte do processo de aprendizagem, depende de quão receptivos somos." (Élder Boyd K. Packer, *The Holy Temple*, Salt Lake City: Bookcraft, 1980, pp. 42, 44, 71, 75.)

Esta breve introdução à linguagem dos símbolos eternos é mero começo dos símbolos que o Senhor e seus servos eternos usaram para discutir os mistérios do reino e a natureza da eternidade. Sua compreensão das verdades simbolizadas nas ordenanças do templo se ampliará à medida que meditar no templo e buscar entender, pelo poder do Espírito, a natureza eterna daquilo que lhe foi ensinado.

Deve-se salientar que o esforço para entender os símbolos usados no templo é apenas o início de uma adoração significativa no templo. As promessas sagradas que fazemos precisam ser cumpridas e vividas em todos os aspectos de nossa vida diária.

É um privilégio ter permissão de entrar na casa do Senhor. Entender a necessidade de receber a investidura (endowment) dá sentido e propósito à vida mortal. Depois de receber sua própria investidura (endowment), você pode voltar ao templo freqüentemente em favor de pessoas justas que morreram sem receber as ordenanças eternas do batismo, confirmação, investidura e selamento. Experimentar a doce alegria de agir em favor de outra pessoa é parte do que significa crescer rumo "à medida da estatura completa de Cristo". (Efésios 4:13.) Ou, como perguntou o Élder Boyd K. Packer na Conferência Geral de abril de 1987: "Não é uma atitude cristã de nossa parte realizar ordenanças vicárias no templo por e em favor daqueles que não podem fazê-las para si mesmos?"

Ir ao templo para nossa própria investidura (endowment) e depois passar toda uma vida de aprendizagem espiritual passando em favor de outras pessoas, é uma parte importante de nossa missão aqui na terra e da missão da Igreja: aperfeiçoar os santos, proclamar o evangelho e redimir os mortos.

ENSINAR OS FILHOS A RESPEITO DO TEMPLO

Sua própria atitude em relação ao templo pode ser um instrumento poderoso na preparação dos filhos para o dia em que terão oportunidade de entrar no templo. À medida que os filhos se conscientizam da atitude paterna de profunda apreciação pela bênção da investidura (endowment) no templo, ficarão ansiosos por terem essa mesma bênção em sua própria vida.

Você pode levar os filhos a tomar conhecimento da importância do templo de várias maneiras. Você poderá colocar fotografias e gravuras dos templos nas paredes de sua casa; usar a noite familiar para que eles entendam, de maneira genérica, as ordenanças do templo. Nas orações familiares e nas bênçãos paternas, você poderá sentir-se inspirado a mencionar a importância do templo. Discutir os padrões do templo lhe dará oportunidade de compartilhar os princípios de ordem, recato no vestir, e a eternidade da família, mesmo com as crianças em idade pré-escolar, mas especialmente com as crianças que se estão preparando para o batismo.

Crescendo num ambiente assim, seus filhos terão grande respeito pelo templo, particularmente se eles também o virem freqüentar regularmente o templo e nele achar força espiritual.

Depois de um debate discreto e em espírito de oração a respeito desses assuntos numa noite familiar ou numa sessão de estudo pessoal com o filho ou a filha que se está preparando para a investidura (endowment), será bom que todas as conversas futuras a respeito desse assunto sagrado sejam realizadas no templo, juntos. Mencionamo-las no artigo anexo, para que você se sinta à vontade, embora com respeito, quando familiarizar seus filhos com o que devem esperar no templo quando nele entrarem pela primeira vez.

Ajudar os filhos a entender as bênçãos da investidura (endowment) e da freqüência regular ao templo, poderá emprestar uma espiritualidade maior ao seu relacionamento. Como o pai de Enoque, você os estará ensinando "nos caminhos de Deus". (Moisés 6:21.) □

Permanecendo como faróis para o mundo: Templos nas Filipinas, Samoa e Nova Zelândia tendo ao fundo o Templo de Lago Salgado.

Paul Mann

Permanecendo como faróis para o mundo: Templos nas Filipinas, Samoa e Nova Zelândia tendo ao fundo o Templo de Lago Salgado.

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

"A CARIDADE NÃO SE IRRITA"

Objetivo: Aprender a evitar a ira e a contenda.

Como seu marido estava numa reunião de liderança do sacerdócio realizada pela manhã bem cedo, Maria lutava sozinha para preparar a família para ir à igreja. O bebê estava irriquieto, a pequena Rebeca não conseguia achar os sapatos, e Davi, de quatro anos, derramou comida na camisa limpa. Frustrada, Maria teve vontade de desistir e ficar em casa. Ao chegar tarde na igreja, ela ainda estava nervosa com Rebeca e Davi, e foi-lhe difícil sentir um espírito de reverência.

Muitas de nós às vezes nos sentimos frustradas ou impacientes. Mas quando externamos esses sentimentos zangando-nos com alguém, ofendemos o Espírito. Ao procurarmos vir a Cristo e nos aperfeiçoar, devemos perguntar-nos não "o que é justo", mas "o que Jesus gostaria que eu fizesse"?

Jesus sofreu muita perseguição. (Vide 1 Néfi 19:9.) Ele até mesmo pediu perdão por aqueles que o crucificaram. (Vide Lucas 23:34.) Embora muitas de nós não tenhamos que enfrentar grande perseguição, freqüentemente somos "provocadas" por coisas pequenas. Rudeza, desobediência, espera, discórdias, decepções e expectativas frustradas podem-nos irritar, especialmente se estivermos cansadas, doentes ou com pressa.

Nessas ocasiões, nosso primeiro sentimento pode ser de raiva. Mas nós podemos escolher reagir com caridade em lugar de raiva, e "não (nos irritar) facilmente". (Morôni 7:45.) Podemos oferecer a outra face (vide Mateus 5:38-39) respondendo com paciência e gentileza.

Há coisas que podemos fazer para desenvolver o espírito de caridade. Podemo-nos concentrar em meios de controlar a raiva ou impaciência. Respirar bem fundo e parar para pensar por um momento antes de falar, às vezes ajuda. Adquirir o hábito de perguntar-nos o que Jesus gostaria que fizéssemos naquela situação pode ajudar também. Oração e arrependimento curam igualmente nosso espírito e enchem nosso coração de amor.

Aprendendo a evitar as contendas e a controlar a raiva, evitamos que o mal seja passado para outras pessoas. Tornamo-nos mais semelhantes a Jesus, cujo sacrifício pessoal tornou possível a vida eterna para todos os que se achegam a ele e seguem o seu exemplo. □

Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Leia Mateus 18:15, 21-22 e fale a respeito do que Jesus nos ensinou a fazer quando somos ofendidas por alguém.
2. Peça à irmã que pense a respeito de algumas coisas capazes de provocar as pessoas. Fale a respeito de como podemos aprender a reagir com caridade quando tais coisas acontecem.

(Vide matéria correlata no *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, lição 8, pp. 31-35; lição 12, pp. 48-51; lição 17, sub-título "Aprender a Amar Servindo", p. 79; lição 23, pp. 98-101; lição 25, pp. 106-108; lição 34, pp. 138-140; Sugestões p/ Melhorar Suas Noites Familiares, sub-título 7, "Evitar às Crianças Situações em que se Julguem Ameaçadas", p. 168; Idéias, subtítulos "Adversidade", pp. 173-174; "Autocontrole", pp. 180-181; Desenvolvimento de uma Família Forte — "Introdução" até "Ensinar Responsabilidade", pp. 235-247, e "Tratar de Problemas em Particular" até "Como Recuperar um Filho Afastado", pp. 251-252.)

Paul Mann

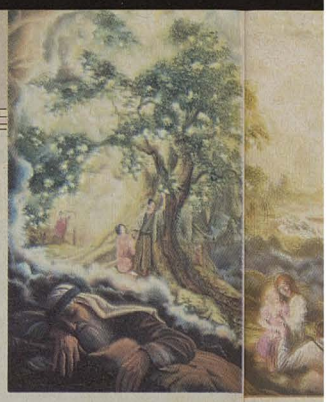
"UMA RICA COLHEITA VISUAL"

Uma amostra de trabalhos do primeiro concurso internacional de arte SUD

Uma exposição da nova arte SUD está atraindo a atenção na Cidade do Lago Salgado durante este último ano. A exposição, que consiste de cento e setenta pinturas e esculturas, foi uma seleção dos mais de mil trabalhos enviados para o primeiro concurso internacional de arte SUD.

UMA RICA COLHEITA VISUAL

Página anterior — A partir da esquerda: *O lamento do Salvador inspirou esta escultura de mármore traverlíneo de uma mãe com seu filho, "Ó Jerusalém, Jerusalém" (ver Mateus 23:37), Roy L. Stewart, Rexburg, Idaho; "Joseph Smith I" em gesso, Lyuba Prusak, Pasadena, Califórnia;* "Lendo a Bíblia" *em madeira, John Taye, Boise, Idaho.*

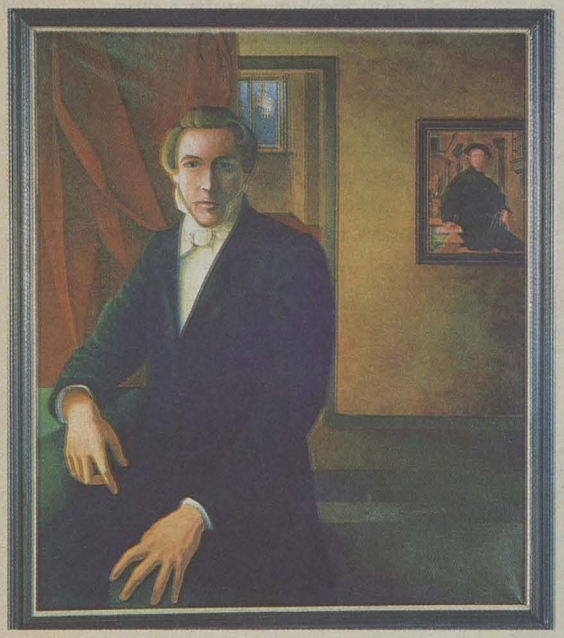


Acima: *"Grandes São as Promessas para as Ilhas do Mar", óleo sobre tela de Laurie Schoebelen, Alta Loma, Califórnia.* À direita: *"Primeira Chuva de Verão", óleo sobre tela, de Teodorico P. Cumagun Jr., Cidade de Lipa, Filipinas.*

À direita: *"Costela de Adão" escultura em bronze de Elizabeth Low Brown, Logan, Utah.* No centro à direita: *"Kaleidoscópe", óleo sobre tela de Johann H. Benthin, Hochstadt, República Federal da Alemanha.* À direita: *"Olhando para Sara", óleo sobre tela de Lee Udal Bennion, Spring City, Utah.*

Paul Mann

Esquerda: *Primeiro lugar: "Sonho de Léhi", óleo sobre tela de Steven L. Neal, Pendleton, Oregon.* Abaixo à esquerda — *segundo lugar: "Segunda-feira, 24 de Junho de 1844, 4h15min: Além dos Acontecimentos", óleo sobre tela de Pino Drago, Frankfurt, República Federal da Alemanha.* Abaixo: *terceiro lugar: "Para que Aqueles que Não Vêem, Vejam", óleo sobre tela de Shauna Clinger, Cidade do Lago Salgado, Utah.*



Abaixo à esquerda: *"Casario", óleo sobre tela de Walkyria Bronze Damiani, São Paulo, Brasil.* Abaixo: *"Lendo as Escrituras", óleo sobre tela de Marion Haws, Newton, Utah.*

À esquerda — *"Girassóis e Búfalos", óleo sobre tela de Gary Kapp, Provo, Utah.* Acima à direita: *"Madona de Benin", aquarela, de Naomi Young, Laguna Niguel, Califórnia.* À esquerda: *"Davi num Momento de Canto", mescla de Giovanni Gaeta, Milão, Itália.*

"Tivemos uma rica colheita visual", disse o diretor de museu Glen M. Leonard. "De uma variedade de estilos vimos surgir uma linha consistente de testemunho do evangelho restaurado. Os artistas que enviaram suas obras criaram imagens memoráveis das escrituras, e da história e das atividades atuais da Igreja.

As obras de arte que estão na exposição representavam um conjunto comum de crenças expresso em muitas tradições artísticas", explicou o Irmão Leonard. "Mas qualquer que seja a linguagem visual que falem ou as tradições artísticas nacionais que representem, certas imagens religiosas têm uma mensagem universal para os santos dos últimos dias.

A mensagem do sacrifício expiatório do Salvador, por exemplo, tem significado, seja pintado no estilo direto de um ilustrador dos Estados Unidos, nos padrões abstratos de um artista europeu ou nas cores fortes de um pintor amador da América Latina."

"O concurso incentivou os artistas SUD a compartilharem sua fé religiosa através da arte", disse o Élder Dean L. Larsen, membro da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta e diretor executivo do Departamento de História da Igreja. "Esta exposição permite que reconheçamos a sua contribuição. Esperamos que continuem a inspirar outras pessoas com a arte religiosa que criam."

O Élder Larsen abriu oficialmente a exposição e anunciou os prêmios para os vencedores. Com a contribuição generosa de um doador anônimo, foram distribuídos mais de quarenta mil dólares em prêmios.

O primeiro prêmio foi conferido a Steven L. Neal, um artista autodidata de Pendleton, Oregon, pela pintura "O Sonho de Léhi". O segundo lugar coube a Pino Drago, de Frankfurt, República Federal da Alemanha, por sua pintura "Segunda-feira, 24 de Junho de 1844, 4h15min: Além dos Acontecimentos", retratando um momento decisivo nas horas que antecederam o martírio do Profeta. Shauna Clinger, da Cidade do Lago Salgado, Utah, ganhou o terceiro prêmio por sua pintura dual intitulada "Para que Aqueles que Não Vêem Possam Ver".

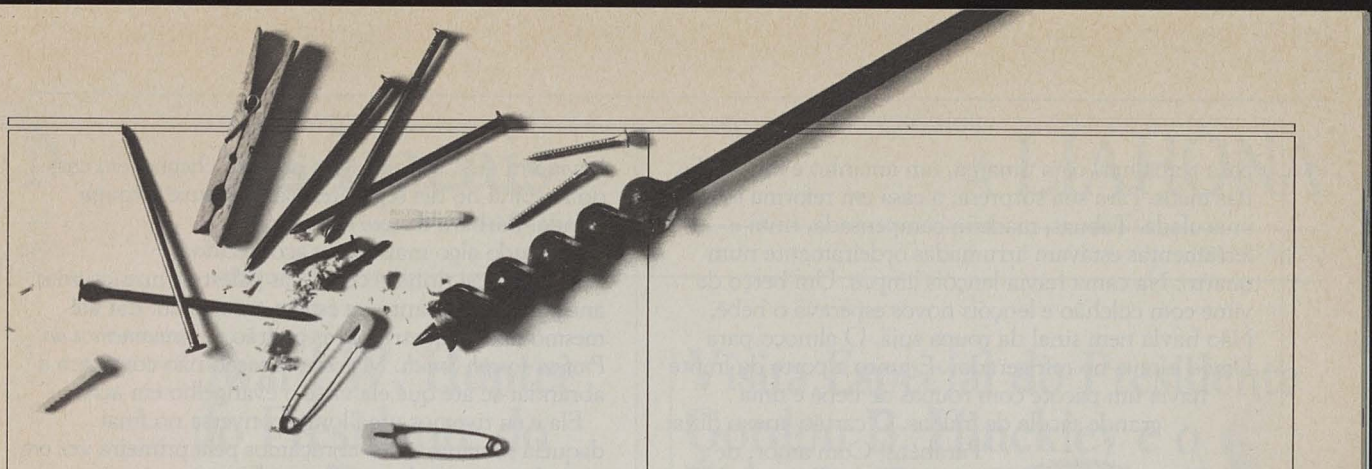
Houve também seis menções honrosas e, além disso, alguns trabalhos da exposição foram comprados para o acervo permanente do museu.

Estas páginas trazem como amostra algumas obras da exposição. □

A partir da esquerda: *"Andrew" escultura em bronze, de James R. Avati, Cidade do Lago Salgado, Utah; Menção honrosa "Reverência", escultura em bronze, de Laura Lee Stay, Provo, Utah; "Calma, Aquieta-te" (ver Marcos 4:39) escultura em bronze de Mark Hopkins, Emerson, Geórgia.*

Paul Mann

Craig Dimond



"COM AMOR, DE SUAS PROFESSORAS VISITANTES"

Melinda Suttner

Há mais ou menos quatro anos, meu marido, David, e eu compramos uma velha casa em Clarksville, Tennessee. Arrancamos toda a parte interior, removemos parte do assoalho, substituímos a instalação elétrica e o encanamento, e acrescentamos mais quartos. Foi um empreendimento enorme! E nós morando na casa o tempo todo.

Vivíamos num autêntico canteiro de obras. À noite, antes de cair na cama, eu removia serragem, pedregulhos, lascas de madeira e outros detritos das cobertas da cama. Eu usava uma grande pá, em lugar de vassoura, para limpar o chão. Tábuas e folhas de madeira compensada achavam-se amontoadas na sala de estar. Latas de tinta, caixas de pregos, escadas e outras ferramentas estavam espalhadas pelos quartos.

Durante a reforma, eu estava grávida do segundo filho. Duas semanas antes da época em que o bebê deveria nascer, nós envernizamos o assoalho e pintamos os quartos novos. Naquela noite, o bebê anunciou sua chegada. Corremos para o hospital, deixando para trás uma casa sem sistema de aquecimento, sem janelas no quarto da frente, e sem lugar para um recém-nascido dormir.

Meus pais chegaram naquela tarde, vindos de carro de sua fazenda no interior, distante noventa quilômetros. Eu estava apreensiva com relação à vinda de minha mãe. Nós não tivéramos um bom relacionamento desde que eu me filiara à Igreja em 1976. Mas ela sabia que eu precisava de ajuda, com um bebê recém-nascido e a casa toda de pernas para o ar.

Antes de ir para casa, mamãe passou pela nossa casa em reforma. Estarrecida — e um tanto desanimada pelas condições de vida nas quais seu novo neto seria colocado — ela fez planos de limpar a casa na tarde seguinte, antes que eu voltasse do hospital. Mamãe veio como planejara, usando roupas apropriadas

Craig Dimond

para trabalhar, com uma pá, um ancinho e um balde nas mãos. Para sua surpresa, a casa em reforma estava imaculada. Tábuas, madeira compensada, tinta e ferramentas estavam arrumadas ordeiramente num quarto. Na cama havia lençóis limpos. Um berço de vime com colchão e lençóis novos esperava o bebê. Não havia nem sinal da roupa suja. O almoço para David estava no refrigerador. E junto a porta da frente havia um pacote com roupas de bebê e uma grande sacola de fraldas. O cartão anexo dizia: "Parabéns! Com amor, de suas professoras visitantes, Carol e Bárbara."

Eu mal conhecia aquelas irmãs — elas foram chamadas para serem minhas professoras visitantes havia um mês, apenas. Mas quando cheguei em casa do hospital no dia seguinte, Carol trouxe a roupa lavada. Bárbara trouxe o jantar.

Contudo algo mais havia acontecido.

Minha mãe tinha recebido as palestras missionárias anos antes, enquanto eu estava em missão. Ela até mesmo lera as quatro obras-padrão e *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*. Mas seu coração não começara a abrandar-se até que ela visse o evangelho em ação.

Ela e eu tivemos uma longa conversa no final daquela semana, e nos abraçamos pela primeira vez em anos. Lágrimas rolaram enquanto conversávamos noite adentro, e voltamos a sentir-nos achegadas como mãe e filha.

Agora, com três filhas, meu marido e eu moramos na parte oeste dos Estados Unidos, a aproximadamente três mil quilômetros de mamãe, e eu espero ansiosa seus telefonemas e cartas. Essa bênção em minha vida eu devo a Carol e a Bárbara, minhas professoras visitantes. Elas vieram limpar uma casa e preparar uma refeição. Mas não tinham como saber que estavam curando corações e cicatrizando feridas, e reatando uma relação familiar. □

Paul Mann

EM SUA PRÓPRIA LÍNGUA

O trabalho de tradução é uma parte importante do compartilhar a mensagem do evangelho com toda a nação, tribo, língua e povo.

Sandra Williams

Numa tarde fresca no final de junho de 1987, vozes se elevaram entoando cantos fora do Templo de Oakland, Califórnia. Se tivessem estado lá, teriam reconhecido a bela música, mas ficariam maravilhados com as palavras desconhecidas. O hino era *Thov Vaj Tswv Kom Peb Rov Sib Pom Dua*, ou "Deus vos Guarde", cantado em hmong. Hmong é a

Lori Anderson

língua de muitas tribos montanhesas do Laos, sudeste da Ásia, e o idioma pátrio de Kua Lo e seus irmãos Yia Lo e Chong Lee Lo, que haviam acabado de selar suas famílias no templo. Foi um dos dias mais felizes da vida deles.

A conversão das famílias Lo e o hino que cantaram são apenas parte de uma história bem maior e mesmo miraculosa dos esforços da Igreja para pregar o evangelho a "toda nação, tribo, língua e povo". (D&C 133:37.)

As famílias Lo compareceram à Igreja pela primeira vez numa ala da Cidade do Lago Salgado, onde encontraram Scott Jenkins, o presidente da missão da estaca. Com a ajuda de Brian Walker, um ex-missionário que falava thai, ele começou a ensinar as famílias Lo. O Irmão Walker dava a mensagem do evangelho em thai que Kua Lo traduzia depois para o hmong para sua família e amigos.

Apesar das dificuldades de comunicação, as famílias Lo receberam com entusiasmo a mensagem do evangelho, continuaram a freqüentar a igreja, e se tornaram o núcleo de um ramo que funcionava em hmong. Finalmente, a Divisão de Tradução da Igreja pôde oferecer versões das orações sacramentais, partes de *Princípios do Evangelho* e alguns hinos, e os membros do ramo puderam realizar reuniões inteiras em sua língua pátria. Mais tarde, eles receberam traduções completas de *Princípios do Evangelho* e de *Histórias Ilustradas do Livro de Mórmon*.

Após o batismo das famílias Lo, Kua Lo foi chamado para servir como presidente do primeiro Ramo Asiático da Cidade do Lago Salgado. Ele agora mora em Bakersfield, Califórnia, onde é o presidente do Ramo Asiático de lá. Compartilhando constantemente a mensagem do evangelho com seu povo, o Irmão Lo foi responsável por pelo menos noventa batismos.

O Irmão Lo pode testificar da influência do Espírito Santo em sua conversão, uma influência que se fez sentir apesar da barreira idiomática. Mas sem os materiais traduzidos para o hmong, as famílias Lo poderiam ter sido obrigadas a esperar muito mais do que esperaram para receber as bênçãos do templo. Talvez nunca as tivessem recebido.

Tornando Acessíveis, as Bênçãos do Evangelho

Em preparação para o cumprimento da promessa do Senhor de que um dia, "todo o homem ouvirá a plenitude do evangelho na sua própria língua, e no seu próprio idioma" (D&C 90:11), a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze dirigiram o estabelecimento da Divisão de Tradução da Igreja em 1965. Os funcionários da Divisão, estejam na sede na Cidade do Lago Salgado ou num dos escritórios auxiliares espalhados por todo o mundo, trabalham quietamente para que as bênçãos do evangelho se tornem acessíveis a um número cada vez maior de pessoas. Essa tarefa é realizada com a produção do Livro de Mórmon e outros materiais e revistas da igreja em aproximadamente cento e cinqüenta idiomas.

As Autoridades Gerais dirigiram a criação da Divisão numa época em que a tecnologia moderna, sob a forma de computadores, torna a tradução mais fácil e mais rápida do que nunca, mesmo em línguas que usam símbolos e letras especiais.

Mas os computadores não têm inspiração, e, assim, o Senhor preparou muitos tradutores para essa obra. Em 1980, por exemplo, um supervisor da Divisão recebeu a designação de providenciar a tradução dos materiais da Igreja para o bengalês, uma língua falada na Índia e Bangladesh. Sem conseguir, na época, achar membros da Igreja que conhecessem a língua, recorreu a dois professores não-membros. Quando a tradução deles estivesse terminada, o supervisor esperava encontrar um membro que revisasse a tradução assegurando assim exatidão doutrinária e gramatical.

Como que em resposta à sua necessidade, ele leu um artigo a respeito de Towhid-ul Alam, um recém-converso de Bangladesh que estava estudando na Universidade Brigham Young, no campus do Hawai. Graças à ajuda do Irmão Alam, as *Seleções do Livro de Mórmon* em bengalês foram publicadas em Nova Delhi, Índia, em 1985.

A Necessidade de Fazer Algo para o Senhor

Às vezes, o Senhor trabalha de outra maneira. A Irmã Sampson Davis, de Ghana, foi inspirada a traduzir o Livro de Mórmon para sua língua nativa, o fanti, antes que a Divisão de Tradução recebesse até mesmo a designação da tarefa. Ao crescer, a Irmã Davis gostava muito de relacionar-se com cristãos. Na juventude, ela sentia-se tão impressionada e grata pelo sacrifício de Cristo, que tinha uma forte necessidade de fazer alguma coisa por ele. Quase quarenta anos mais tarde, depois de aprender inglês na Holanda e de voltar para sua casa em Ghana, onde se filiou à Igreja, encontrou oportunidade de realizar o desejo de sua meninice.

Uma noite, após a reunião sacramental, a Irmã Sampson-Davis deu-se conta de que algumas pessoas da congregação não cantavam acompanhando o hinário porque não sabiam inglês. Sentiu-se então inspirada a traduzir materiais do evangelho para benefício de seu povo, e naquela noite fez a versão de "Sou um Filho de Deus", seguida da tradução de outros hinos.

Incentivada por esses pequenos trabalhos de tradução, a Irmã Sampson-Davis foi levada a realizar a enorme tarefa para a qual se preparara durante muitos anos — a tradução do Livro de Mórmon para o fanti. Quando a Divisão de Tradução da Igreja revisou a tradução da Irmã Sampson-Davis ficou admirada pois essa professora, com pouca ou nenhuma experiência profissional em tradução, havia feito um excelente

trabalho.

A Irmã Sampson-Davis é um exemplo da qualidade e dedicação dos tradutores que o Senhor preparou e está preparando para serem usados pela Divisão de Tradução. Atualmente, a Divisão está trabalhando na tradução de material doutrinário para pelo menos uma língua principal em cada nação do mundo. Esse projeto, aprovado pela Primeira Presidência em 1986 e chamado programa "Todas as Nações", resultará em materiais de leitura em muitas línguas adicionais nos próximos anos.

Luzes para Seu Próprio Povo

O título do programa "Todas as Nações" foi tirado de um discurso de 1978 feito pelo Presidente Spencer W. Kimball, no qual ele dizia:

"Se tivermos ao menos um pequeno começo em todas as nações, logo os conversos em cada tribo e língua poderão destacar-se como luzes para seu próprio povo, e o evangelho será assim pregado em todas as nações antes da vinda do Senhor." (Seminário dos Representantes Regionais, outubro de 1978.)

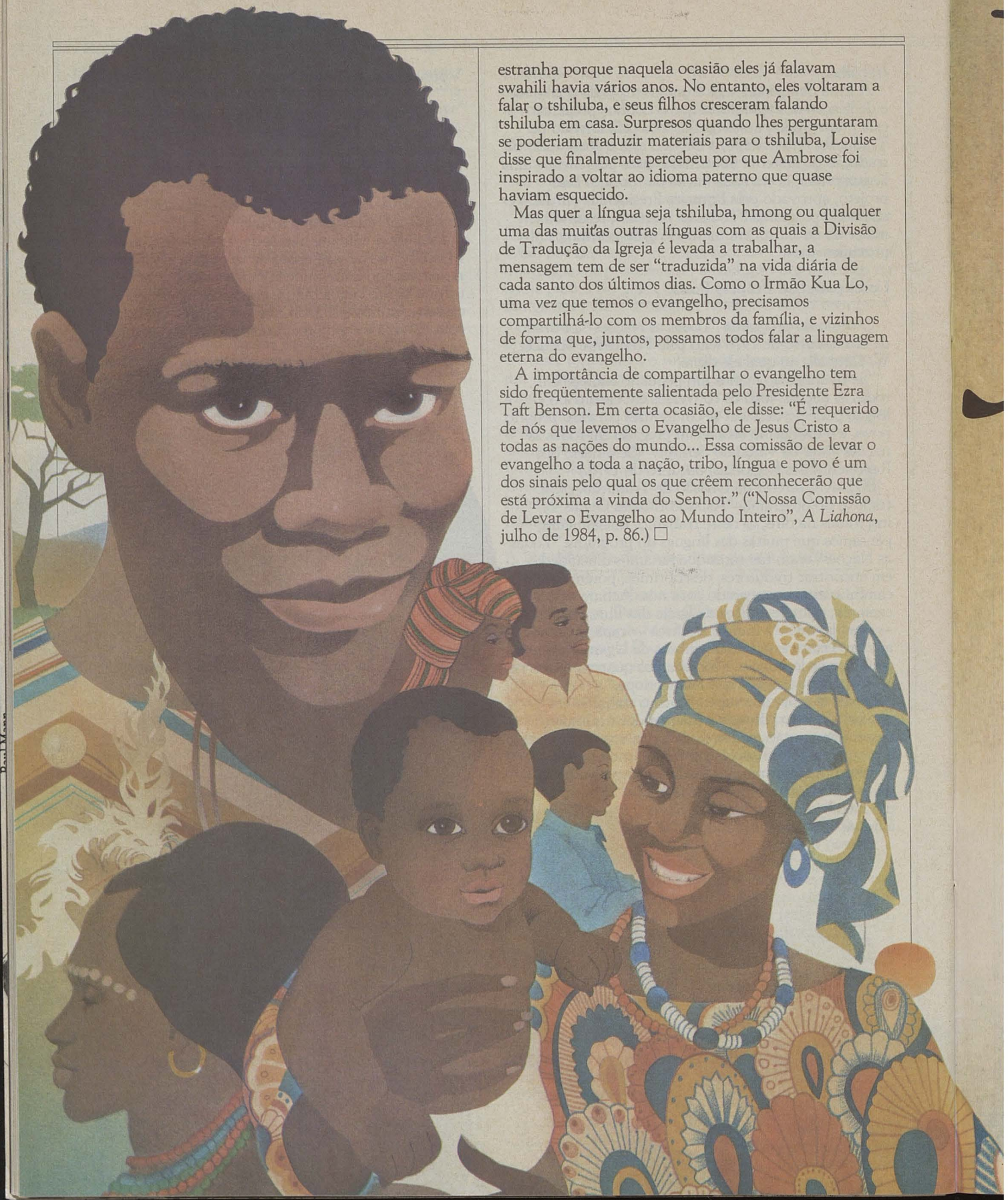
Eb Davis, diretor da Divisão de Tradução, diz a respeito do programa: "As Autoridades Gerais são inspiradas na direção desse trabalho. Inicialmente, pensamos que muitas das línguas do programa "Todas as Nações" eram tão raras que teríamos dificuldades em encontrar tradutores; descobrimos, porém, que o caminho estava preparado para nós. Achamos, por exemplo, vinte membros da Igreja das Ilhas Seicheles — situadas entre a Índia e a África — capazes de nos ajudar. Temos quarenta membros de Uganda a quem podemos pedir auxílio, e localizamos quatro pessoas no Vale do Lago Salgado que falam etíope."

Lowell Bishop, que supervisiona o trabalho em línguas africanas, diz que a maioria dos tradutores desses idiomas são membros da Igreja apenas desde que o programa "Todas as Nações" está funcionando. Acrescenta que para quase todas as línguas com as quais a Divisão trabalhou até agora, um membro de fato "deu um passo à frente" para fazer a tradução.

Voltando ao Idioma Paterno

Como exemplo, o Irmão Bishop descreve os membros que a Divisão encontrou para traduzir materiais para duas das línguas do Zaire — língala e tshiluba. Alfonse e Maguy Muanda, bastante atarefados com sua própria companhia e ativos missionários de estaca, ainda encontram tempo para traduzir materiais para o lingala.

Tshiluba é a língua nativa de Ambrose e Louise Massala, mas em sua época de faculdade eles viveram numa área do Zaire onde se fala o swahili, e essa tornou-se sua língua diária. Pouco depois de terem casado, Ambrose sugeriu que voltassem a falar um com o outro em tshiluba. Louise achou a sugestão



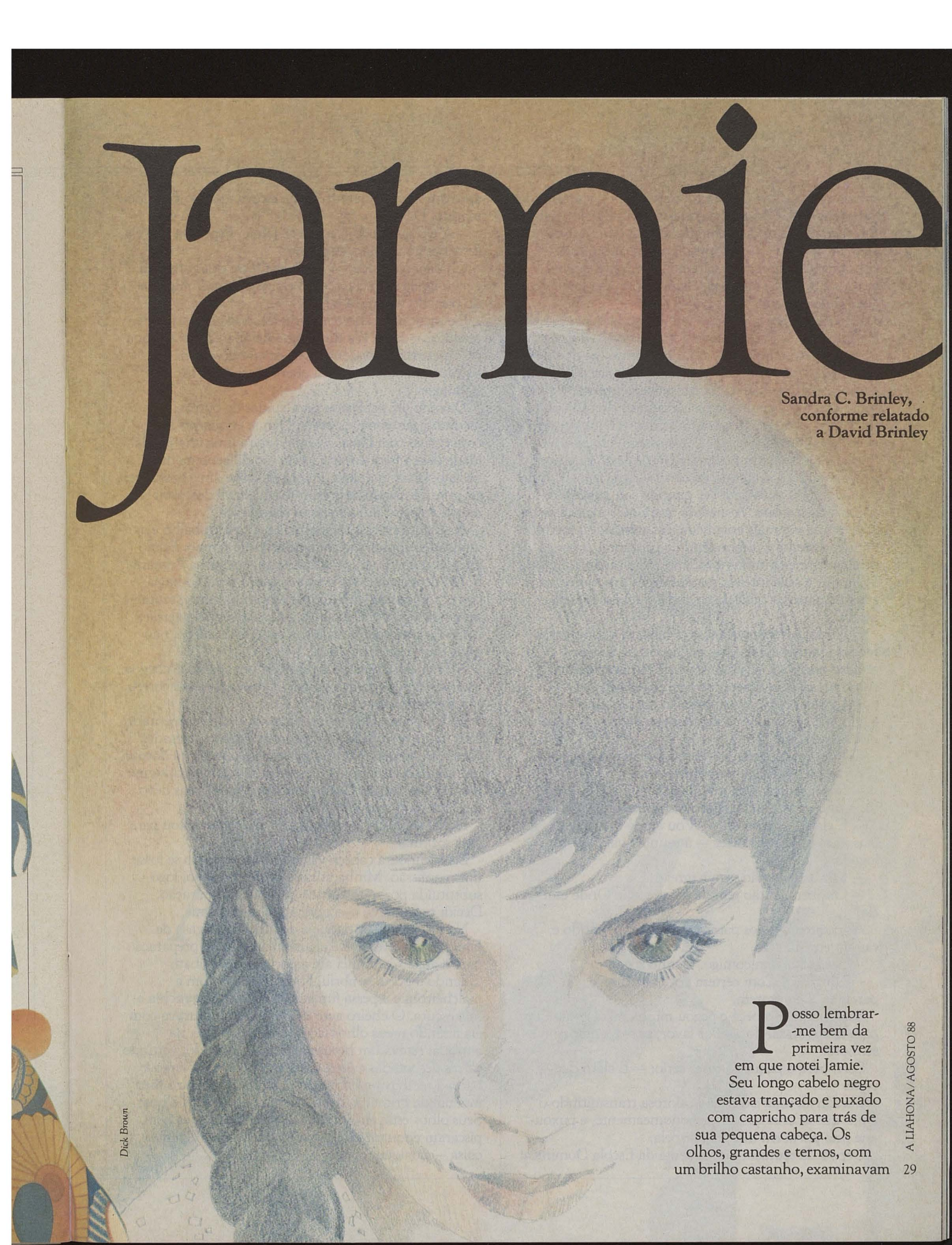
estranha porque naquela ocasião eles já falavam swahili havia vários anos. No entanto, eles voltaram a falar o tshiluba, e seus filhos cresceram falando tshiluba em casa. Surpresos quando lhes perguntaram se poderiam traduzir materiais para o tshiluba, Louise disse que finalmente percebeu por que Ambrose foi inspirado a voltar ao idioma paterno que quase haviam esquecido.

Mas quer a língua seja tshiluba, hmong ou qualquer uma das muitas outras línguas com as quais a Divisão de Tradução da Igreja é levada a trabalhar, a mensagem tem de ser "traduzida" na vida diária de cada santo dos últimos dias. Como o Irmão Kua Lo, uma vez que temos o evangelho, precisamos compartilhá-lo com os membros da família, e vizinhos de forma que, juntos, possamos todos falar a linguagem eterna do evangelho.

A importância de compartilhar o evangelho tem sido freqüentemente salientada pelo Presidente Ezra Taft Benson. Em certa ocasião, ele disse: "É requerido de nós que levemos o Evangelho de Jesus Cristo a todas as nações do mundo... Essa comissão de levar o evangelho a toda a nação, tribo, língua e povo é um dos sinais pelo qual os que crêem reconhecerão que está próxima a vinda do Senhor." ("Nossa Comissão de Levar o Evangelho ao Mundo Inteiro", *A Liahona*, julho de 1984, p. 86.) □

Jamie

Sandra C. Brinley,
conforme relatado
a David Brinley



Dick Brown

Posso lembrar-me bem da primeira vez em que notei Jamie. Seu longo cabelo negro estava trançado e puxado com capricho para trás de sua pequena cabeça. Os olhos, grandes e ternos, com um brilho castanho, examinavam

timidamente a sala enquanto a Irmã Jones, membro da presidência da Primária, a conduzia a um lugar vago. Era meu primeiro dia como professora da Primária numa ala nova, e no entanto, mesmo com muitos pensamentos sobre meu casamento recente, novos amigos e o novo chamado, alguma coisa em Jamie me chamou a atenção.

Depois que nos separamos em classes, fiquei absorta em minha aula para a classe dos Valorosos A e, durante certo tempo, esqueci o momento em que notei Jamie. Cinco minutos após o início da aula, no entanto, alguém bateu à porta suavemente e a Irmã Jones conduziu Jamie a uma cadeira no círculo que havíamos formado. Seu belo rostinho olhava para o chão, levantando-se apenas ocasionalmente para revelar os altos ossos malares e traços finos. Sua expressão tinha um ar de inocência e inteligência, que era escondido mais uma vez quando sua atenção se voltava para o piso. À medida que a aula avançava, ela ficava cada vez mais envolvida nas atividades, sorrindo freqüentemente e respondendo a perguntas sobre os profetas que estávamos estudando. Ela ouviu com toda a atenção a aula inteira, mantendo os braços cruzados e falando apenas quando eu pedia que discutissem o assunto.

Quando as outras crianças já haviam saído para a reunião sacramental, virei-me depois de apagar o quadro-negro e a vi ainda sentada pacientemente, como se estivesse esperando que eu terminasse.

— Você não vai para a reunião sacramental? — perguntei, sentando-me na pequena cadeira ao lado dela.

Ela alisou as pregas do vestido bem passado e vagarosamente olhou para mim.

— Sim. Posso ir com a senhora? — Sua voz soou suplicante, como se o pedido me pudesse desagradar.

— É claro — respondi. — Vou ajudá-la a achar seus pais, mas temos de correr — a reunião vai começar logo.

— Minha mãe não vem à igreja.

— Oh, bem, então tem de ser sua avó. Onde está ela?

As pequenas mãos pararam de alisar o vestido e caíram em seu colo.

— Ninguém vem comigo. Venho sozinha.

— Ninguém? Com certeza você tem amigos ou parentes que a trazem.

Ela sacudiu a cabeça e pegou minha mão, como que para irmos andando. — Por favor, posso sentar com a senhora?

Sorri para o pequeno rosto sério: — É claro que pode.

Ela sorriu, uma expressão calorosa transmitindo o amor que as crianças dão espontaneamente, e puxou-me pela porta em direção à capela.

Depois da reunião, o presidente da Escola Dominical aproximou-se, enquanto Jamie estava falando com meu marido, Dave.

— Vejo que você já conhece Jamie. Esperava que ela fosse designada para sua classe.

Chamei-o de lado. — Jamie me disse que ninguém vem à igreja com ela. Como ela chega aqui? Alguém do bispado vai buscá-la?

Ele sacudiu a cabeça e sorriu de modo engraçado e confuso. — Não. Ela simplesmente aparece na entrada da capela todos os domingos, esperando que as reuniões comecem — e eu quero dizer *todos* os domingos.

Quando ele se afastou para cuidar de outros assuntos, sentei-me e observei Jamie enquanto ela conversava com Dave. O que inspira uma criança da idade dela a freqüentar a igreja tão diligentemente? Seria possível que uma criança de nove anos possuísse tal grau de maturidade espiritual? Decidi descobrir mais a respeito dessa menina enigmática.

A semana passou rapidamente com o trabalho e as atividades domésticas tomando o meu tempo. Então chegou o domingo, e minha classe entrou na Primária. Foi só depois de cinco minutos que a reunião havia começado que eu vi Jamie, um tanto ofegante, sentar-se na última fila. Depois da aula, ela veio conversar, como de costume. Vendo sua expressão solene, não pude deixar de provocá-la.

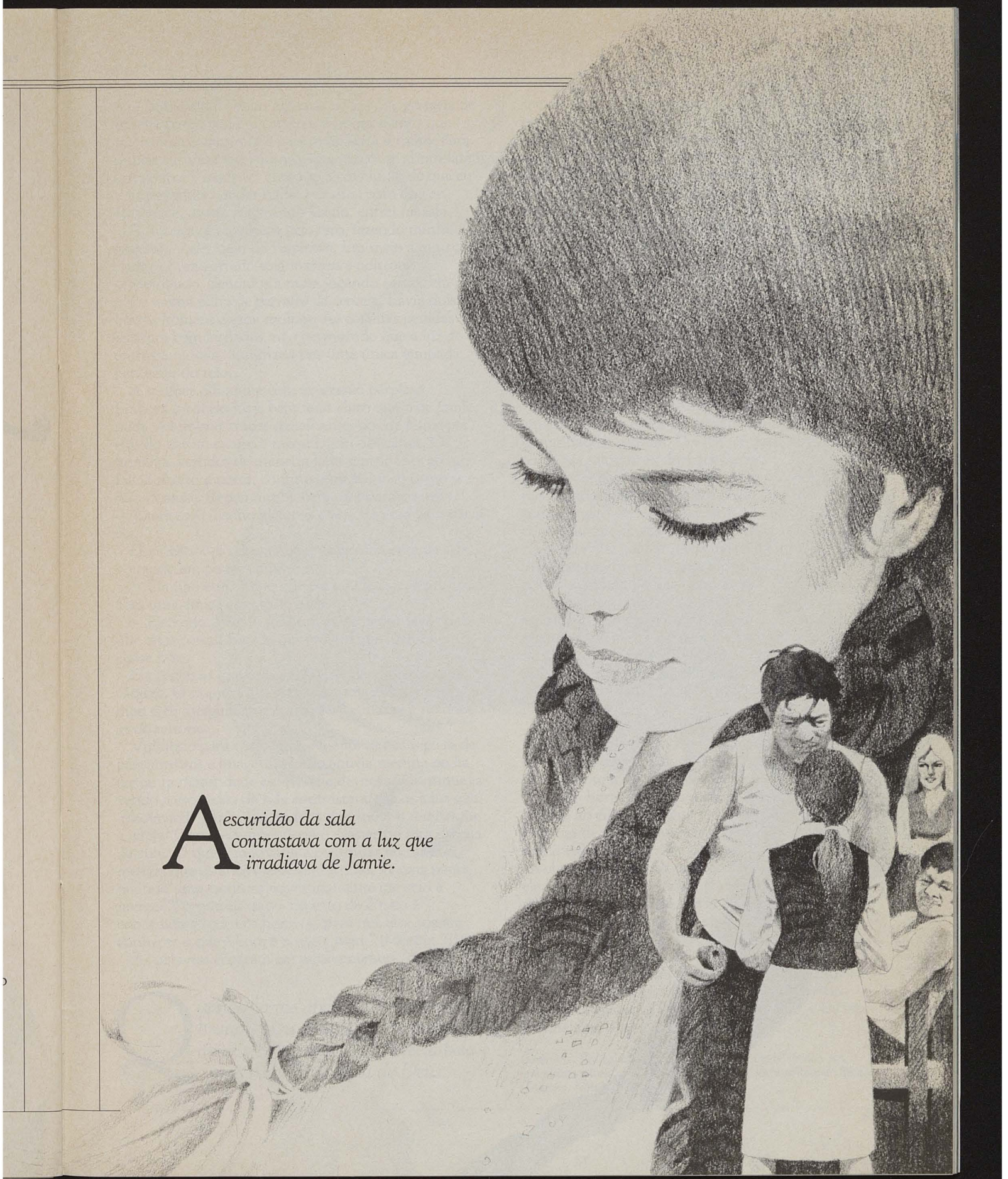
— Hoje deve ter sido a primeira vez que você chegou atrasada na igreja em sua vida! Parece que você correu o caminho todo.

Ela olhou-me fixamente, encarando meu comentário com muita seriedade. — Sinto ter chegado atrasada. Ontem à noite minha amiga convidou-me para dormir na casa dela e eu esqueci que hoje era domingo; só me lembrei bem tarde. Corri para casa, então, mas devo ter dormido demais.

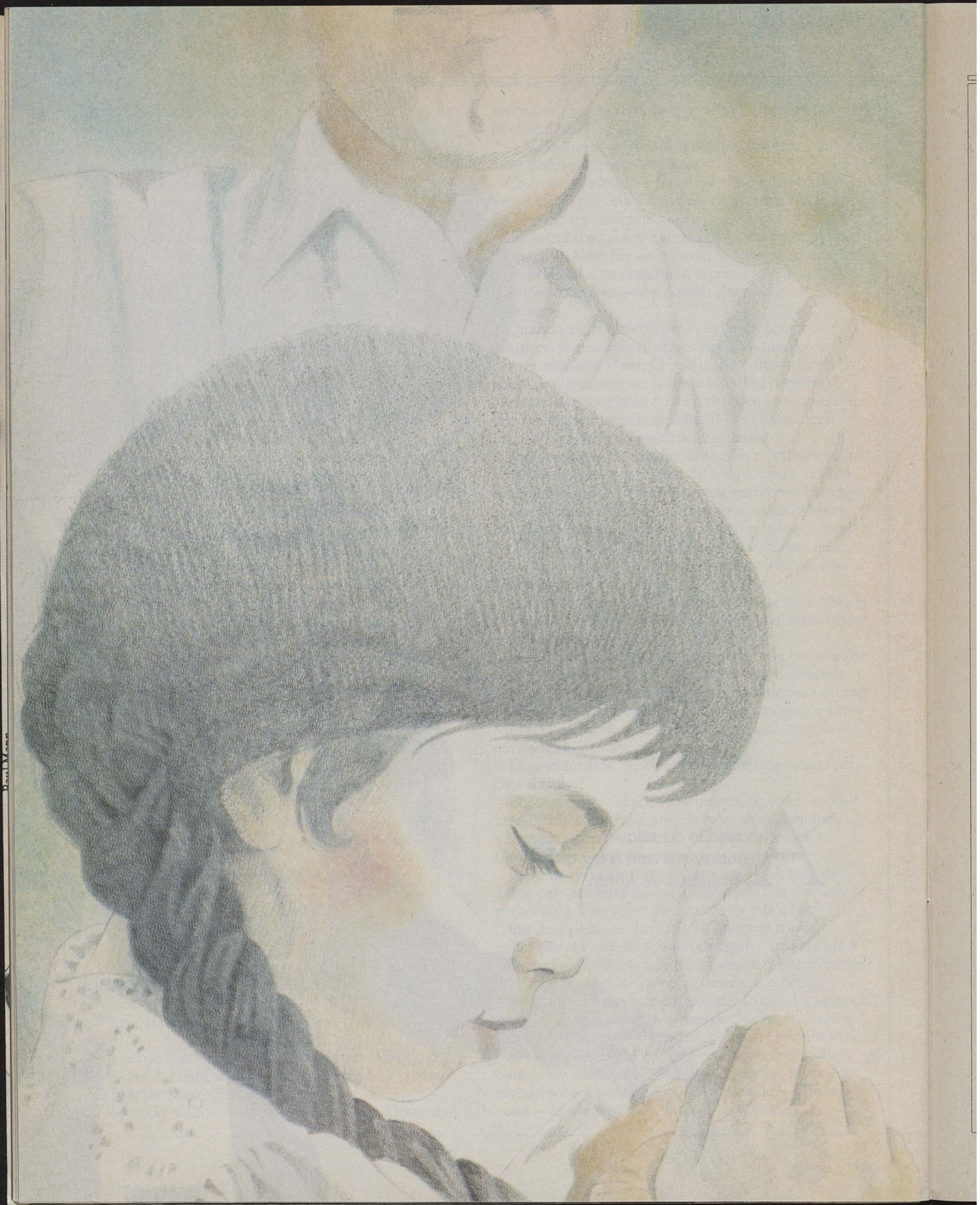
Fiquei aturdida. — Você quer dizer que voltou para casa sozinha?

Ela inclinou a cabeça vagarosamente, como se fosse uma confissão. Minha atitude brincalhona foi logo substituída por uma atitude de amor e admiração. Decidi novamente descobrir mais sobre Jamie.

No final da tarde daquele domingo fui à casa de Jamie para entregar-lhe alguns materiais de preparação para a aula. Caminhei até a porta de tela e bati. Quando a porta se abriu, fiquei chocada com a malcheirosa e espessa fumaça de cigarro que enchia a sala escura. O cheiro acre de cerveja se misturava com ela fazendo meus olhos lacrimejarem. Em pé, na entrada, estava um homem grande, troncudo, vestindo calças desbotadas e uma camiseta. Seu rosto, largo e barbado, olhava-me friamente, fixando primeiro meu manual da Primária, depois diretamente meus olhos. Seus olhos estavam vermelhos e injetados, mas nem piscaram enquanto eu gaguejava para dizer alguma coisa — qualquer coisa.



A escuridão da sala contrastava com a luz que irradiava de Jamie.



— Jamie está? Tenho algumas coisas que gostaria de dar-lhe para a aula. Ocorreu-me no momento que mencionar a natureza da aula não seria sensato. Para minha surpresa, no entanto, seus traços se abrandaram um pouco. Parecia ter chegado à conclusão de que eu não pretendia vender nada. Fez sinal para que eu entrasse e, assim, respirando fundo, entrei na sala.

A fumaça se espalhava pelo teto, fazendo minha garganta arder quando respirava. Em meio à fumaça pude ver um surrado sofá marron e poltrona combinando. Sentados à mesa jogando cartas, em meio a uma pilha de garrafas de cerveja, havia dois outros homens e uma mulher. As cortinas pesadas estavam bem fechadas, não permitindo que a luz do sol entrasse na sala, iluminada por uma única lâmpada pendente do teto.

A mulher olhou-me com expressão perplexa. Embora o cabelo fosse bem mais claro que o de Jamie, pude vislumbrar traços semelhantes aos de Jamie por trás do batom escuro e maquilagem dos olhos. Os homens, vestidos de maneira bem semelhante ao que havia aberto a porta, continuaram seu jogo como se eu não existisse. Repeti minha pergunta para a mulher: — Jamie está? Tenho algumas coisas da aula para dar a ela.

Ela inclinou a cabeça e saiu vagarosamente da sala, voltando em poucos minutos.

— Ela não está. Acho que ela está lá fora, brincando com uma amiga em algum lugar.

— Entendo. Bem, a senhora poderia por favor dar-lhe estas coisas? São de um projeto que fizemos em classe hoje.

Ela pegou as gravuras e o livro e os colocou numa cadeira. O homem que estava à porta abriu-a para mim e eu mergulhei na luz do sol brilhante e no doce ar do outono.

Voltando para casa, minha mente estava repleta de pensamentos e imagens. Como aquela menina podia ter tanta maturidade espiritual e devoção? Continuava vendo a escuridão da sala contrastando com a luz que irradiava de Jamie. Ela poderia continuar a freqüentar a igreja? Como ela aprenderia o evangelho fora da sala de aula? O que a motivaria a continuar tentando à medida que os anos passassem? Então, fiz uma pausa quando uma escritura repentinamente me veio à mente: "Porque eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau." (Morôni 7:16.)

As palavras ecoaram em minha mente — *todos os homens, todas as mulheres, todas as jovens*, todas as meninas, não importa onde vivam! Com que força brilhava aquela luz dentro de Jamie, transformada em resplendor pela escuridão das coisas que estavam à sua volta! Decidi ajudar sua pequena luz a manter o brilho até que tivesse oportunidade de crescer e seguir sozinha.

Quando Jamie apareceu vestida de branco, meu coração transbordou de amor e admiração. Ela parecia bela e pura como uma filha de Deus.

Desde então, todas as semanas, depois da igreja, Jamie passava algum tempo lá em casa brincando, comendo e só conversando. À medida que o tempo passava, chegamos a admirar cada vez mais sua força interior. Tinha uma paz e serenidade que afetavam todos à sua volta.

Então, quando estávamos indo para casa um dia, inesperadamente ela disse: — Sandy, quero ser batizada. Tenho nove anos, e é hora de ser batizada, mas não consigo achar ninguém que o faça.

Senti um amor surpreendente por ela quando aqueles grandes olhos escuros me fixaram com intensidade incomum. Dei-lhe um forte abraço e fomos para casa saltitantes, de mãos dadas.

Jamie foi batizada alguns meses depois por um dos missionários designados para nossa área. Ele e seu companheiro deram as palestras a Jamie, e sua mãe consentiu que ela fosse batizada. Dave e eu sentamos na quarta fila, bem atrás da mãe e da irmã de Jamie. Sua mãe parecia de alguma forma diferente — um pouco mais feliz do que quando eu a vi em casa. De início, parecia pouco à vontade na capela, mas o espírito da reunião pareceu acalmá-la. Quando Jamie apareceu vestida de branco, meu coração transbordou de amor e admiração. Ela parecia bela e pura, andando por entre os bancos. Sorriu ao passar por nós, o sorriso feliz de uma criança de nove anos, o encanto de uma filha de Deus.

Quando os missionários falaram sobre a fé e obediência, vi-a ouvindo atentamente, como sempre, e sabia que aquelas palavras estavam sendo ensinadas pelo Espírito à medida que os élderes falavam. Então chegou a hora de ir para a pia batismal. Jamie não hesitou ao entrar na água. Senti um arrepio, e as palavras de Cristo, quando disse: "Deixai vir a mim os meninos" (Lucas 18:16), adquiriram um novo sentido ao observar uma criança fazer exatamente isso. Depois ela foi confirmada, e fiquei grata ao ouvir um portador do sacerdócio inspirado pedir ao Pai Celestial que abençoasse sua família para que a apoiasse como membro da igreja. Eu disse "amém" à sua oração com particular entusiasmo, sabendo que Jamie agora tinha um companheiro para orientá-la por toda a vida em qualquer circunstância. Com a ajuda do Espírito Santo, sua pequena luz vai brilhar de fato, e ela terá grande alegria no reino dos céus. □

Sandra C. Brinley é professora de inglês e David R. Brinley um conselheiro educacional inglês no Japão, onde são membros do Ramo Toyooka, Missão Japão Kobe.

A COMPANHIA DO ESPÍRITO SANTO

Élder Carlos E. Asay
do Primeiro Quorum dos Setenta

Para muitos santos dos últimos dias solteiros, particularmente para algumas irmãs solteiras, o namoro e o companheirismo eterno são sonhos não realizados. Esperais por eles, sabeis que encontrar o companheiro eterno é uma parte decisiva do evangelho, e no entanto, vos sentis frustrados por não encontrardes nenhum companheiro digno.

É tentador desejar que eu pudesse prover-vos companheiros perfeitos num instante e enviar-vos para a eternidade em casamentos felizes. Mas esta seria uma solução satânica. Satanás, deveis lembrar-vos, queria determinar o curso de nossa vida, acabando com nossa provação e a possibilidade de escolha, frustrando o plano de nosso Pai e detendo nosso progresso.

Vosso namoro com um companheiro mortal não é algo que possais ditar ou planejar por vós mesmos. Mas existe um tipo de companheirismo de grande significado eterno sobre o qual tendes total e completo controle. É um tipo de companhia que pode ser obtida e desfrutada por todos, independente de idade ou sexo. É uma companhia que cura a solidão, motiva a busca à excelência e dá sentido à vida. É a companhia de um dos membros da Deidade — o Espírito Santo, o Consolador, o Revelador, o Santificador, o Espírito do Senhor. É uma companhia que vos assegurará que não estais e nunca estareis sozinhos.

O companheirismo mortal — de duas pessoas — é importante e essencial, e se for alicerçado no amor e respeito mútuo, pode tornar-se celestial em sua natureza e trazer alegria indescritível. Qualquer companheirismo desse tipo, no entanto, torna-se vazio e, de certa forma inexpressivo, sem a influência do Espírito Santo. Nenhum companheirismo mortal jamais obscureceu ou teve maior importância do que a união de uma pessoa com o Espírito do Senhor.

"Oraram por Aquilo Que Mais Desejavam"

É significativo que, enquanto Cristo ensinava e orava com os nefitas, eles "oraram por aquilo que mais desejavam: que o Espírito Santo lhes fosse dado". (3 Néfi 19:9.) Como membros da Igreja, demos os passos necessários da fé, arrependimento e batismo, e mãos autorizadas foram-nos impostas para o recebimento do dom do Espírito Santo. Mas, assim como o amor entre amigos ou companheiros tem de ser cultivado e alimentado como uma planta delicada, também o companheirismo com o Espírito Santo tem de ser cultivado.

Quando eu era jovem, apaixonei-me por uma bela moça. Mais que qualquer coisa no mundo, eu queria ter o amor e o companheirismo eterno dela. Conseqüentemente, comportei-me o melhor que pude, falei o melhor que pude e dei o melhor de mim enquanto a cortejava e procurava ganhar a simpatia dela. Mesmo depois que ela me foi prometida, eu reconhecia a necessidade de continuar a cortejá-la. Meu desejo era, e ainda é, agradá-la e evitar-lhe qualquer ofensa. Ela é minha inspiração, minha motivação para viver de acordo com um elevado e nobre padrão.

O companheirismo do Espírito Santo é cultivado de maneira bastante semelhante. Para obter sua influência e companhia, temos de ser o melhor que pudermos; temos de ser dignos da sua presença. Vejo cinco coisas que temos de fazer para atrair e conservar o Espírito Santo.

1. Temos de manter o corpo limpo.

Não devemos poluir nosso tabernáculo mortal de maneira nenhuma. Temos de viver a Palavra de Sabedoria; não devemos usar indevidamente nossos poderes de procriação; temos de fazer tudo o que for possível para evitar doenças ou outros inimigos de nosso corpo físico. "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguem destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo." (I Coríntios 3:16-17.)

É uma companhia que cura a solidão, motiva a busca da excelência e dá sentido à vida. É uma companhia que vos assegurará que não estais e nunca estarás sozinhos.

2. Temos de manter a mente limpa.

Temos de nos precaver contra idéias indecentes e sensuais e outras influências satânicas. Em Doutrina e Convênios recebemos este conselho e promessa: "Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma. O Espírito Santo será teu companheiro constante." (D&C 121:45-46.)

Poucas coisas são mais repulsivas que mentes malignas e a imoralidade que produzem. Pode-se esperar gozar da companhia do Espírito Santo sendo um homem de coração dobre, ou seja, quando a mente dedica tempo ao maligno? Acho que não.

3. Temos de exercer a fé e reservar um lugar no coração para o Santo Espírito.

Foi-nos dito que quando não temos fé, perdemos o direito às manifestações do Espírito de Deus. Morôni fala abertamente sobre os dons do Espírito, incluindo a cura e as línguas, e depois adverte: "Todos esses dons dos quais falei, que são espirituais, nunca deixarão de existir, enquanto o mundo permanecer, senão pela incredulidade dos filhos dos homens." (Morôni 10:19.)

É da maior importância entendermos "que o Espírito Santo (só pode ter) lugar em (nossos) corações" quando exercemos fé em Cristo. (Morôni 7:32.) Como podemos ser aceitáveis ao Espírito Santo sem reconhecer e admitir aqueles que ele representa — aqueles de quem ele presta testemunho? Amar e buscar a vida cristã é a verdadeira adoração — o tipo de adoração que abre nossa vida ao poder do Espírito Santo.

4. Temos de evitar toda iniqüidade, toda forma de maldade.

Como já foi dito, os dons do Senhor cessam quando falta a fé. O mesmo se aplica, e o problema fica ainda maior, quando a iniqüidade está presente.

Alma disse: "Nada impuro pode herdar o reino dos céus." (Alma 11:37.) Da mesma forma, nenhuma pessoa impura pode conseguir um relacionamento duradouro com o Espírito de Deus.

5. Temos de orar, banquetear-nos com as palavras de Cristo, e andar retamente perante Deus.

O Espírito do Senhor ensina e leva o homem a orar. (Vide 2 Néfi 32:8-9.) As palavras de Cristo nos ajudam a entender quem é o Espírito Santo e como ele pode ser convidado a ficar em nossa presença. (Vide versículos 1-3.) O Espírito de Deus persuade os homens a fazerem o bem e a acreditarem em Cristo. (Vide Éter 4:11-12; Morôni 7:16-17.) Assim, a oração, o estudo das escrituras e o viver reto são imperativos.

O cético ou principiante no evangelho poderia perguntar: "Por que buscar o Espírito Santo? Por que esforçar-se para ter sua companhia? O que há para mim em tudo isso?" As respostas a essas perguntas são muitas, se formos receptivos ao testemunho daqueles que conhecem e se associaram ao Espírito do Senhor. Alguns desses testemunhos ajudam a responder a perguntas a respeito do valor da associação com o Espírito Santo.

Gostaríeis de ter um poder de previsão perfeito, poderes perfeitos para antecipar o que fazer em certas circunstâncias? Nesse caso, deveis fazer como Néfi indicou: "(Entrai) pelo caminho e (recebei) o Espírito Santo, (pois) ele vos mostrará tudo que deveis fazer." (2 Néfi 32:5.)

"Gostaríeis de Ter o Poder de Discernimento?"

Gostaríeis de ter poderes de discernimento — o poder de identificar a verdade? Se assim for, deveis ler a palavra de Deus, reconhecer a Divindade de Deus, ponderar e perguntar a Deus. Assim fazendo, testifica Morôni, "pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas". (Morôni 10:5.)

Gostaríeis de ter um poder de previsão perfeito? Gostaríeis de ter poderes de discernimento? Gostaríeis de ter o poder de ouvir, sentir e conhecer as revelações de Deus?

Quando eu era presidente de missão no Texas, fui informado de que determinado missionário perdera o testemunho e queria ir para casa. Algumas verificações mostraram que um pesquisador semeara dúvidas a respeito do caráter divino de seu chamado na mente do jovem. Numa entrevista com o pretenso pesquisador, experimentei poderes especiais de discernimento que me permitiram saber que o homem era ministro de uma outra fé, fazendo-se passar por aluno de faculdade e fingindo-se um pesquisador honesto do mormonismo. Confrontado com o conhecimento que me fora revelado, ele ficou confuso e admitiu o embuste. Com o impostor fora do caminho e a verdade conhecida, o missionário ficou e completou uma missão honrosa.

Certa ocasião, na última semana de sua missão um missionário lembrou-me de que eu lhe permitira cumprir missão dois anos antes. A permissão fora dada com certa reserva de minha parte porque antes da missão ele cometera uma série de transgressões. Disse ele: "Élder Asay, o senhor permitiu-me sair em missão depois do arrependimento requerido e depois de eu prometer que seria estritamente obediente e trabalharia diligentemente. Posso assegurar-lhe que trabalhei duramente e que obedeci a todas as regras." Então ele disse algo significativo: "Sinto que meus pecados foram perdoados. *Sinto-me completamente limpo.*" Ele ficara limpo por meio do serviço altruísta e desenvolvendo um estreito relacionamento com o Espírito Santo, passara pelo fogo do ourives e as impurezas haviam sido queimadas.

"Gostaríeis de Ouvir as Revelações de Deus?"

Gostaríeis de ter o poder de ouvir, sentir e conhecer as revelações de Deus? Por intermédio do Profeta Joseph Smith, o Senhor prometeu: "Eu falarei à tua mente e ao teu coração, pelo Espírito Santo... este é o espírito de revelação." (D&C 8:2-3.)

Ouvi o Presidente Marion G. Romney, no final de seu testemunho numa reunião no templo, dizer algo mais ou menos assim: "Talvez não tenhais necessidade de ouvir o que eu disse hoje e provavelmente não aprendestes nada de novo. No entanto, aprendi uma coisa enquanto falava e eu precisava ouvir estas palavras." É um belo e claro reconhecimento da influência do Espírito Santo.

Gostaríeis de desfrutar de dons espirituais — poderes de curar, de ser curado, de falar em línguas, por exemplo? Se assim for, prestai atenção às palavras do Profeta Morôni: "E todos esses dons vêm pelo Espírito de Cristo e são dados a cada um de acordo com sua vontade." (Morôni 10:17.)

Gostaríeis de ter poderes de oratória convincentes — o poder de falar como um anjo? Se assim for, notai a pergunta de Néfi: "Não vos lembrais de vos ter eu dito que depois de haverdes recebido o Espírito Santo poderíeis falar a língua dos anjos?" (2 Néfi 32:2.)

Trinta anos atrás, quando eu servia como missionário no Oriente Próximo, meu companheiro e eu fomos designados a visitar um ramo que fora assolado por divergências e apostasia. Aceitamos a designação com humildade e em espírito de oração. Foi realizada uma reunião decisiva com as partes descontentes. Meu companheiro foi encarregado do sermão que, esperávamos, voltaria a unir todos de novo. Depois de termos jejuado e orado fervorosamente, ele levantou-se confiante e fez o milagre. Falou com a língua dos anjos. As palavras daquele jovem e inexperiente élder curaram feridas malignas no coração de homens muito mais velhos que ele, inspiraram confissões, e literalmente salvaram um ramo da Igreja.

"Gostaríeis de Ter o Poder de Resistir à Tentação?"

Gostaríeis de ter o poder de afastar e resistir à tentação? Se assim for, fazei como Alma e Paulo sugeriram: "(Ora) continuamente, para... serdes assim conduzidos pelo Espírito Santo". (Alma 13:28.)

Gostaríeis de ter perfeita paz e certeza em tudo que fazeis? Se assim for, fazei do Espírito Santo vosso

Homens e mulheres mortais estão investidos de capacidade e de potencial maravilhosos: Esses poderes, entretanto, são apenas uma sombra dos poderes que podem ser obtidos através de uma ligação com o Espírito Santo.

companheiro e vós também podereis receber o tipo de certeza dada a Néfi e a Léhi: "Paz, paz seja convosco, em virtude de vossa fé em meu Bem-Amado, que existe desde a fundação do mundo." (Helamã 5:47.)

Finalmente, gostaríeis de ter o poder de realizar coisas além de vossa capacidade natural? Gostaríeis de ter a ajuda de poderes invisíveis em tudo que fizerdes? Refiro-me ao poder de falar com autoridade convincente — mesmo o poder de receber a inspiração que vos permita dizer coisas que não planejastes. Falo do poder de receber influxos que, se lhes derdes atenção, trarão bênçãos a vós a a outras pessoas.

Homens e mulheres mortais estão investidos de capacidade e de potencial maravilhosos. Por maiores que sejam esses poderes, entretanto, são apenas uma sombra dos poderes que podem ser obtidos através de uma ligação com o Espírito Santo.

Espero que não digais a vós mesmos que estas palavras sobre a companhia do Espírito são para uma outra pessoa, não para vós. Deus não faz acepção de pessoas. Suas bênçãos e dons não estão reservados a alguns poucos preciosos. Não importa se sois um apóstolo ou um diácono, uma oficial da Sociedade de Socorro ou uma professora da Primária. Todos nós temos a promessa de dons do Espírito se nos colocarmos em posição de sermos dignos deles.

Se vosso relacionamento com esse companheiro divino parece incompleto, recordai vosso batismo e confirmação e determinai se realmente o recebestes como vos foi ordenado. Prestai muita atenção à vossa pureza física, à pureza de vossos pensamentos, à extensão de vossa fé em Cristo, à vossa disposição de evitar todo tipo de pecado, e aos vossos hábitos de oração e estudo.

É sensato ponderar e refletir de tempos em tempos, e determinar se realmente conheceis o Espírito Santo. Parai o tempo suficiente para avaliar vosso conhecimento acerca dos dons e poderes espirituais. Vede se a previsão, o discernimento, a santificação, a revelação, os dons espirituais, a fala dos anjos, a paz nascida da certeza, e as bênçãos concomitantes são evidentes em vossa vida. Determinai se as experiências espirituais acontecem com freqüência em vossa vida diária. E, se achardes que algo vos falta em alguma área, tende a coragem de mudar e colocar vossa vida em ordem.

Se fizerdes essas coisas, nunca precisareis estar sozinhos, pois tereis o companheiro mais importante de todos — o Espírito Santo. □

O PRESIDENTE BENSON VISITOU MINHA CASA

POR INTERMÉDIO DE MEUS MESTRES FAMILIARES

George D. Durrant

Ao chegar em casa depois de um duro dia de trabalho, descobri que minha esposa fora visitar alguns de nossos filhos que moravam numa cidade a uns setenta e cinco quilômetros de distância; ela deixou-me um bilhete dizendo que estaria de volta mais tarde.

Preparei algo para comer e estava acabando de sentar-me quando, pela janela, vi meus mestres familiares, Sven Jensen e L. D. Meyers, aproximando-se da porta. Cumprimentei-os sem qualquer entusiasmo, explicando que me estava sentando para comer. Será que eles poderiam voltar um pouco mais tarde? Alegremente, eles responderam: "Tentamos telefonar para marcar uma hora, George, mas ninguém atendeu. Assim, arriscamos achá-lo em casa. Visitaremos outra família e depois voltaremos."

Meia hora depois estavam de volta. Após algumas palavras agradáveis de cumprimento, Sven sorriu e disse: "George, gostaríamos de ler um artigo escrito pelo Presidente Benson." Parecia interessante, mas eu estava cansado e meu interesse diminuiu rapidamente quando ele acrescentou: "Examinaremos cada um dos doze pontos indicados por ele para vencer a depressão." (Vide "Não Se Desespere", *A Liahona*, fevereiro de 1975, pp. 47-50.) Percebi que a conversa se prolongaria por algum tempo.

"Número um", disse Sven, depois fez uma pausa e levantou os olhos do texto fitando-me. Naquele instante, aconteceu uma comunicação maravilhosa, embora silenciosa. Pensei nas muitas vezes em que encontrara esse homem fiel na Igreja. Sven me procurava, apertava minha mão e indagava: — George, você ainda sabe que o evangelho é verdadeiro? — Já esperando a pergunta, eu me aprumava o mais que podia e com toda a dignidade possível, respondia: — Sim, eu sei de todo o meu coração que o evangelho é verdadeiro.

Ele sorria, parecendo olhar dentro de minha alma, e dizia: — Isso é bom, George.

Começando a falar sobre o primeiro item do artigo sobre como vencer a depressão, Sven explicou: — Primeiro, George, se você está deprimido, precisa arrepender-se.

Então, perguntou: — Por que é que temos de nos arrepender? — Eu disse: — Bem, lembro-me de que o Livro de Mórmon diz que "o desespero vem por causa da iniqüidade". (Morôni 10:22.)

À medida que Sven lia cada item do artigo, ele levantava os olhos da revista e os fixava em mim, dizendo: — Isto se aplica bem a você, George. — Continuamente ele fazia que eu me sentisse bem comigo mesmo, com elogios sinceros. Quando chegou ao item dez, descobri que não queria mais que terminasse. Na sala reinava um espírito confortador.

Depois de falar sobre o décimo-segundo item, Sven fechou a revista e sorriu para mim: — O que você acha disso, George? — Eu mal podia falar. O que *pensei* — o que parecia — era que o Presidente Ezra Taft Benson acabara de conversar comigo. Mas como ele não podia vir pessoalmente, mandara um mensageiro especial para representá-lo. Eu sabia que ouvira as palavras do profeta proferidas pela boca do mestre familiar; e eu sabia que a mensagem tocara meu coração.

Mais tarde, quando nos dirigíamos para a porta da frente, Sven sentiu que algo acontecera durante a visita, e seus olhos estavam úmidos quando apertamos as mãos. Depois, meus mestres familiares haviam ido embora, mas a mensagem ainda estava comigo. Eu estivera um pouco deprimido quando eles chegaram, mas não agora. Agora eu estava espiritualmente refeito e pronto para voltar ao meu dever.

Mais tarde, naquela mesma noite, decidi que havia uma décima-terceira maneira de vencer a depressão — e essa maneira era ter mestres familiares que vinham para amar, ensinar e abençoar. □

George Durrant, presidente do Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah, é membro da Ala Park na Estaca Provo Utah Central.

UMA MENSAGEM DE

Eu estava acabando meu trabalho na fazenda quando mamãe chamou. As vacas haviam sido levadas para o pasto, e os coelhos, galinhas, porcos e cavalos estavam todos alimentados. As três latas de leite estavam no reboque, prontas para serem levadas para a leiteria.

Eu tinha então quinze anos e corria o ano de 1936, um dos anos mais difíceis para nossa família de treze pessoas. Um de meus irmãos encontrava-se em missão, e oito estavam na escola. Os outros continuavam em casa mantendo mamãe ocupada.

Mamãe disse: — Jay, não poderei mandar você à escola hoje para que você possa ir às oficinas EFP, onde seu pai trabalha. Tenho de entregar esta carta a seu pai. É muito importante; sé não fosse, eu não o pediria a você.

As oficinas do Expresso de Frutas do Pacífico eram locais de conserto para locomotivas e vagões ferroviários. Meu pai trabalhava lá para ajudar a sustentar a família.

Mamãe entregou-me o envelope. Devia ser uma carta muito importante para justificar minha falta na escola, mesmo sendo um só dia.

— Sinto fazer isso, Jay — disse ela — mas não há nenhuma outra maneira de mandar-lhe esta carta. — Ela não podia telefonar para meu pai porque não havia linha telefônica em nossa fazenda.

O lugar onde meu pai trabalhava ficava a mais ou menos vinte e quatro quilômetros. Andei três quilômetros até a estrada, numa bonita manhã de verão, e logo alguém me deu uma "carona" até a cidade seguinte. Depois de atravessar a cidade, peguei outra "carona" que me levou à rua de terra que conduzia ao portão das oficinas EFP. Desci do carro, agradeci ao motorista e comecei a caminhada de vinte minutos até o portão, olhando enquanto passava pelo lugar sobre o qual meu pai falava com tanta freqüência — o lugar que o deixava tão sujo e cansado, o lugar de trabalho que minha mãe dissera ser tão importante para nossa família numerosa.

Com uma nova compreensão, pensei: É por *isso* que nosso pai só fica conosco à noite e aos sábados e domingos. É por isso que é nossa mãe quem nos ensina a ordenhar, a empilhar o feno e os grãos, a irrigar as plantações, a atrelar os cavalos ao carroção e a fazer cercas, construir galinheiros e todas as outras coisas que têm de ser feitas numa fazenda. É por isso também que nossa mãe é tão boa para nos ensinar o evangelho e nos contar histórias da Bíblia e do Livro de Mórmon enquanto trabalhamos com ela. Meu pai está *aqui*. E o trabalho dele é importante e difícil.

Chegando ao portão, pude ver grandes construções dos dois lados dos numerosos trilhos para trens. O barulho dos vagões batendo uns nos outros quando eram engatados era forte. Havia também barulho das máquinas a vapor, dos sinaleiros, dos apitos, e homens trabalhando com martelos de ar comprimido e outros equipamentos ferroviários.

Repentinamente, soou uma sirene alta, e todos os outros barulhos pararam. Era meio-dia — hora do almoço. Apareceram homens de todos os cantos e pude ouvir centenas de vozes. *Como vou achar meu pai no meio de todas essas pessoas*? pensei.

Passei pelo portão e andei até a área de trabalho mais próxima que vi, pensando em encontrar alguém para pedir informações. Havia montes de materiais e equipamento numa área aberta. Ao olhar aquele espaço aberto, reconheci meu pai imediatamente. Parei e fiquei quieto e era como se não houvesse nenhuma outra pessoa por perto. Num mundo todo nosso, era como se estivéssemos só ele e eu, e sempre serei grato pelo que vi. Meu pai estava sentado no chão com as costas apoiadas num monte de materiais, as pernas esticadas e o chapéu ao lado. Com a marmita entre os joelhos, as mãos cruzadas sobre o colo, a cabeça abaixada, estava dando graças a Deus pelo que lhe estava dando — e por muitas outras coisas, tenho certeza, pelo tempo que demorou e pelo sentimento que tive quando o vi orando. Fiquei em silêncio observando atentamente, enquanto a mensagem penetrava fundo em mim: *Não há ninguém aqui a quem ele possa provar coisa alguma. Meu pai realmente acredita*. Quando terminou e levantou a cabeça, viu-me imediatamente. Um sorriso humilde apareceu em seu rosto, e, quando me aproximei, seus olhos marejaram.

— Olá, Jay, como é bom ver você — disse ele. — Venha e sente-se, filho.

Até hoje não sei qual foi a mensagem que entreguei a meu pai, mas nunca esqueci a mensagem que ele me transmitiu. □

Paul Mann

DE MEU PAI

Jay L. Packard

Parei e fiquei quieto observando atentamente. Meu pai estava sentado no chão.

Paul Mann

OS PAIS QUE NÃO CONHECESTE

JuLee Dunnaway

A pesquisa de história da família e a obra missionária caminham lado a lado. Ambas levam o evangelho e as ordenanças de salvação aos filhos de Deus — uma aos mortos, a outra aos vivos. Minha missão deu-me a oportunidade de fazer ambas.

Nasci em Weonju, Coréia do Sul, no ano de 1958 e fui depois adotada por uma família americana. Quando tinha quatorze anos, filiei-me à Igreja. Um ano depois, preocupada com o que fazer depois do segundo grau, decidi obter a bênção patriarcal. Primeiro falei com o patriarca, que me aconselhou a orar e jejuar a respeito do que eu queria saber. Eu fiz isso, e posteriormente recebi a bênção com bons sentimentos em relação às promessas feitas nela. Mas uma parte me deixou perplexa:

"Terás o grande privilégio de realizar uma obra por e em favor de tua família, *os pais que não conheceste*. Se procurares os registros de tua família, receberás ajuda do alto; os céus responderão a tuas orações, se orares e jejuares e fores fiel dando de teu tempo e talentos."

Sabia que precisava pesquisar a história da família, mas não conseguia entender a parte a respeito dos "pais que não conheceste". Eu não tinha idéia de quem eram meus pais naturais e nem de como descobri-lo. Até onde sabia, eu era órfã quando fui adotada.

Durante meu último semestre no curso secundário, depois de oração sincera e busca interior, senti-me fortemente impelida a cumprir missão. Preenchi o formulário para missionários e mandei meus papéis, mas preocupava-me em ser mandada para a Coréia. Eu não queria particularmente ir para lá. Algumas semanas se passaram, e veio o chamado para a "Missão Coréia Seul Oeste".

Relutei em aceitar o chamado, mas à medida que a hora se aproximava, pensei na promessa contida em minha bênção patriarcal. De que outra maneira eu poderia pesquisar a história da família? Eu tinha de ir para a Coréia.

Ao chegar à casa da missão na Coréia, uma das primeiras perguntas que o presidente da missão me fez foi: — Você planeja pesquisar a história da família enquanto está aqui? — Surpresa e incentivada pela pergunta, respondi: — Sim, eu quero fazê-lo.

Passaram-se três meses. Eu estava concentrada em aprender a língua coreana e não tinha feito nada com relação à história da família. Um dia, pedi à minha companheira missionária coreana e a outra missionária coreana que me ajudassem nessa pesquisa. Elas concordaram e, assim, num dia de preparação fomos procurar a agência que havia tratado de minha adoção. Quando os funcionários descobriram que minha pesquisa tinha finalidade de registrar a história da família, procuraram em seus registros e acharam o meu.

Outra Menina?

Perto de meus registros, estavam os registros de outra menina cuja fotografia se parecia muito com uma de minhas fotografias quando bebê. Pensei que talvez os registros tivessem sido trocados, mas os funcionários explicaram que as palavras *hyungje im* escritas ao lado de nossos nomes significavam irmãos ou irmãs. Eu tinha uma irmã!

Os documentos de adoção continham nossos nomes e endereços americanos, e assim escrevi para a irmã que acabara de achar em Oklahoma, explicando por que eu estava na Coréia e por que estava procurando nossos registros. Como meu endereço tinha mudado desde então, eu esperava que o dela pudesse ser diferente também. E, como minha irmã tinha uma nova vida com nova família, também estava preparada para saber que ela poderia não estar interessada em mim ou em minha pesquisa.

Passou-se um mês e meio sem resposta. Embora eu soubesse que talvez nunca tivesse notícias dela, jamais perdi a esperança. Minha família americana também estava ansiosa por notícias dela. Meu pai estava até mesmo pronto para procurá-la, se minha carta não tivesse resposta. Então, no dia 14 de fevereiro, recebi uma carta de Lila Lew Miller - minha irmã. Seus pais ainda moravam naquele endereço de Oklahoma. Ela havia colocado na carta uma foto sua com o marido e um filhinho, e escreveu que estava ansiosa por encontrar-me.

Também anotado em nossos registros estava o nome de um orfanato em Weonju do qual a agência nos havia recebido. Chamava-se *Weonju Yangnyoe Weonjang*. Meu dicionário coreano não apresentava nenhuma tradução exata para o título, mas havia duas possibilidades: *Yangnyoe*, que significa *filha adotada*; e *yangno*, que significa *asilo para pessoas idosas*.

Pedi a vários missionários em Weonju que procurassem descobrir algo sobre os orfanatos que haviam tido contato com a agência de adoção no final da década de 50 e na década de 60. Mas depois de alguns meses de pesquisa eles não acharam nada.

Orfanato ou Asilo para Velhos

Nessa época, eu estava servindo nos arredores de Seul. O Presidente Ch'oi Dong Wan, membro da presidência da Estaca Seul Oeste, tornou-se meu bom amigo. Certa vez, ao visitar sua casa, falei sobre a promessa contida em minha bênção patriarcal. Ele ofereceu-se para ajudar-me. Algumas semanas depois, no dia de preparação, ele, minha companheira e eu partimos para Weonju para ver o que podíamos descobrir.

Num orfanato, contaram-nos que uma missionária cristã canadense, Irmã O'Connor, guardara os registros dos órfãos, mas ela voltara para o Canadá na década de 60. Tínhamos mais um lugar para visitar, o Weonju Yangnyoe Weonjang — o orfanato mencionado em nossos registros. Mas não era um orfanato; era um asilo para velhos. Tive uma sensação muito estranha, — como se eu já tivesse estado lá antes. Agora eu estava realmente confusa — não conseguia entender por que eu me sentia assim.

Depois de nossa busca aparentemente inútil, ficamos decepcionados, mas não desistimos. O Presidente Ch'oi e eu sentimos que deveríamos voltar à agência e verificar novamente meus registros. Quando voltamos examinamos os documentos, achamos o nome "O'Connor" escrito em coreano num canto do formulário. Soube que o asilo de velhos havia antes sido um orfanato e era, de fato, o lugar onde minha irmã e eu ficáramos até nossa adoção. Agora sabíamos de onde minha irmã e eu viéramos.

O Presidente Ch'oi sugeriu que puséssemos um artigo sobré minha pesquisa num dos jornais de Seul. Disse-me que, desde a guerra da Coréia, muitas pessoas, tentando achar membros perdidos da família, haviam usado os jornais. Encontramo--nos com um repórter, que escreveu uma breve descrição de minha irmã e de mim e tudo quanto sabíamos de nossa história. No dia 2 de junho de 1984, o artigo apareceu no jornal. Imediatamente recebemos muitos telefonemas de pessoas que pensavam que poderíamos fazer parte de sua família.

Um Telefonema Estranho

Um telefonema foi estranho. Não consegui entender tudo que o homem disse, mas, com a ajuda de minha companheira, descobri que o nome dele era Ko In Soo. Ele estava telefonando de Shillim, um pequeno vilarejo nos arredores de Weonju. Falou sobre duas garotinhas gêmeas que sua família havia entregue para adoção no final da década de 1950. Duvidei de que eu e minha irmã fôssemos gêmeas. Embora nossas fotos de bebês fossem semelhantes, as datas de nascimento minha e de minha irmã eram diferentes.

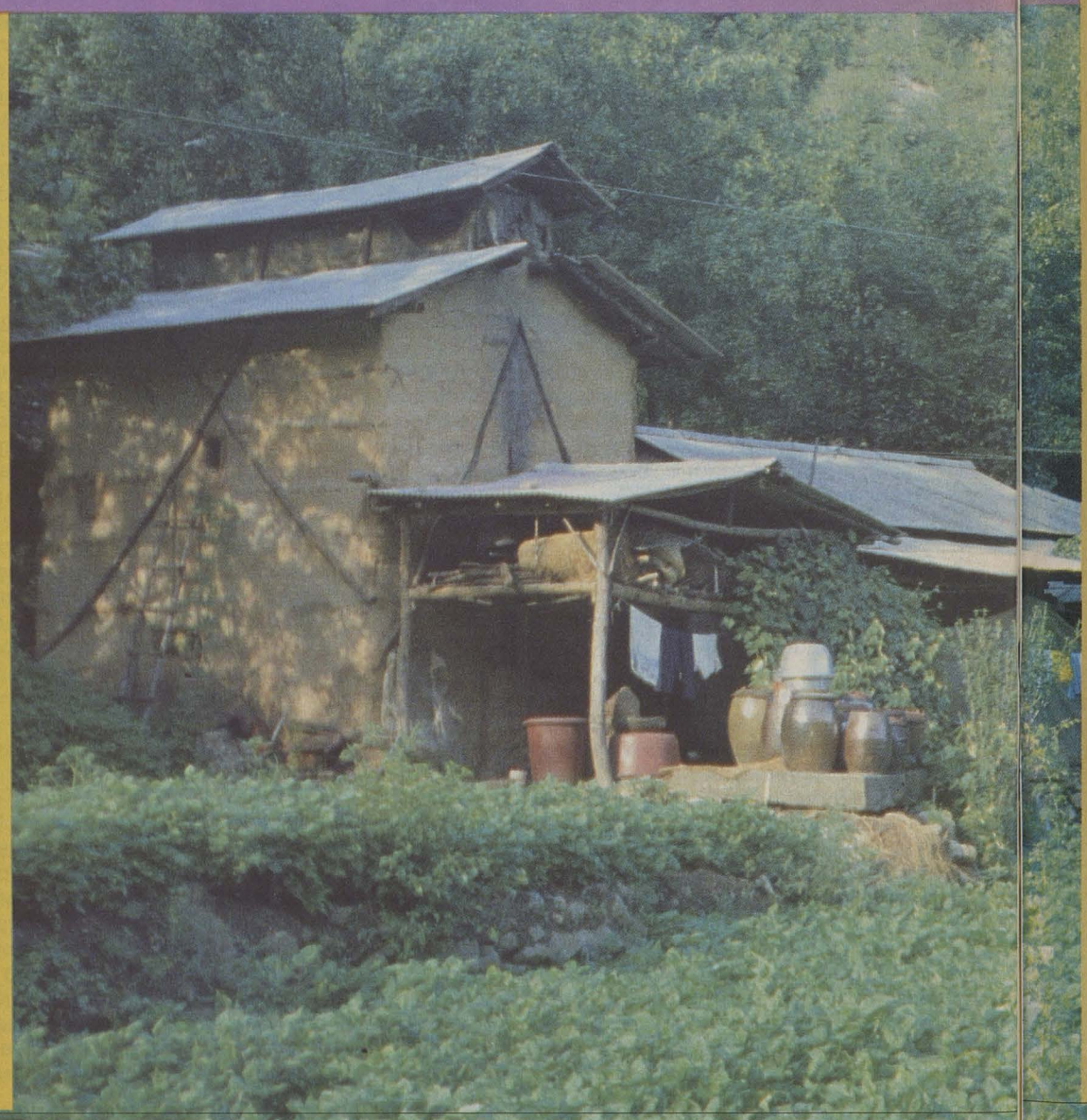


Foto da p. 42 — *Na fileira de trás a mãe da autora está sentada no centro tendo seus pais à direita e seu irmão e esposa à esquerda. O primo da autora, Ko Hun Kyu, sentado no chão na extrema direita.* Nesta página — Foto grande: *Irmã Dannaway e sua irmã nasceram nesta casa em Ch'ungpoong, Coréia.* Acima à esquerda: *JuLee Dunnaway, seu irmão e seu pai junto ao túmulo da mãe.* Centro: *Koo In Soo* (direita) *que respondeu ao anúncio da Irmã Dunnaway no jornal e seu filho Ko Hun Kyu.* À direita: *Irmã Dunnaway com a família e amigos assistem ao batismo de sua prima, Ko Suk Tae (segunda a partir da direita).* página 45 — Fotografia grande: *Vista do interior perto da vila onde mora o pai da Irmã Dunnaway.* Em cima: *Durante a missão Irmã Dunnaway (segunda a partir da esquerda) teve a oportunidade de assistir ao batismo de seu irmão Kim Do Yun recentemente descoberto (ao lado dela).* Foto em detalhe: *Irmã Dunnaway e seu marido Kelly, visitam o pai e madrasta na Coréia.*

Mas Ko In Soo nos convidava a visitá-lo. Ele nos pedia, se possível, encontrar primeiro seu filho Ko Hun Kyu, que morava em Seul. Ko Hun Kyu e sua mãe eram as duas pessoas que haviam entregue as meninas gêmeas ao orfanato. Assim, telefonamos para ele e combinamos um encontro.

E se a história do homem fosse verdadeira? Ko Hun Kyu seria então um de meus parentes! Eu não tinha certeza se já estava pronta para vê-lo. Quando encontrei o Sr. Ko e sua esposa, ele olhou fixamente para mim e disse que eu me parecia muito com sua tia. Com lágrimas nos olhos, começou a contar sua história. Expressou todo o seu pesar por ter dado as gêmeas para adoção. Eu estava cética e queria ver provas — fotos e documentos. E nossas datas de nascimento diferentes?

O Sr. Ko nos convidou à sua casa para mostrar-me o álbum de fotografias da família. Infelizmente, ele não tinha nenhuma foto da mulher que chamava de minha mãe. Eu ainda tinha dúvidas, e, assim, telefonamos para a família em Shillim e planejamos visitá-los.

Shillim é um vilarejo — tão pequeno que não tinha nem mesmo um ponto de ônibus. Mas o motorista do ônibus fez uma parada especial para nós. O ar estava limpo, puro e cálido quando andamos por uma trilha de terra ladeada por campos de arroz. Ko Hun Kyu ia na frente. Chegamos ao vilarejo — um pequeno armazém e um grupo de casas. Atravessamos uma rua e vimos um homem idoso esperando por nós num portão. Era baixo e bronzeado pelo sol da Coréia.

Meu Avô Coreano?

Ele parecia emocionado, e não parava de olhar fixamente para mim. Sua casa era feita de madeira envelhecida, argila e papel. Andamos em direção à casa, tiramos os sapatos e subimos na varanda de madeira e entramos na sala. A um lado estavam todos os pertences da família empilhados contra a parede — algumas caixas, uma mesa dobrável, algumas almofadas e roupas.

A família inteira reuniu-se à minha volta. Olhavam fixamente para mim e diziam que meus olhos e a forma de meu rosto eram exatamente iguais aos da pessoa que eles pensavam ser minha mãe. Estavam convencidos de que eu era uma das meninas gêmeas que eles haviam doado.

Quando pedi que me mostrassem os registros, trouxeram seus álbuns de fotografias cobertos de

pó e procuraram uma foto em particular. Um casal mais velho estava num lado da foto familiar amarelada. Sua filha — a mulher que eles chamavam de minha mãe — estava no meio, e seu filho — Ko In Soo — e sua esposa estavam no outro lado. Ko Hun Kyu estava na fileira da frente com algumas outras crianças. Eu não vi semelhança nenhuma entre mim e a pessoa que eles diziam ser minha mãe, embora visse semelhança entre mim e o casal de mais idade. Essa mulher era realmente minha mãe? Ela era pequena e frágil e parecia bem mais jovem que os seus vinte e seis anos.

Ko In Soo nos contou o resto da história. Sua irmã, Ko In Soon, casara-se com Kim Chin Ku, que era de um outro vilarejo. O casal mudara-se para Ch'ungpoong, onde algum tempo depois ela deu à luz um filho. Um ano depois do nascimento do filho, ela deu à luz duas meninas gêmeas, mas morreu pouco depois. Quando Ko In Soo soube da morte da irmã, foi para Ch'ungpoong e trouxe as três crianças para Shillim. Com vários filhos e sem meios de sustentá-los todos, decidiu colocar as gêmeas num orfanato. Os administradores de lá registraram duas datas de nascimento diferentes para as gêmeas porque acharam que seria pouco provável que fossem adotadas juntas.

Nesse meio tempo, Kim Chin Ku, meu pai, casara-se novamente. Viera para retirar as crianças, mas ficou sabendo que as gêmeas haviam sido adotadas. Ele levou seu filho consigo de volta para Ch'ungpoong. O Sr. Ko contou-me que soubera que a família Kim ainda estava morando lá, embora o pai estivesse muito doente.

Quando terminou a história, perguntei ao Sr. Ko se ele tinha outros registros familiares. Ko In Soo foi até as gavetas num lado da sala e retirou um livro de papel de arroz, amarelecido pelo tempo. Abri o livro e vi os caracteres chineses e coreanos registrando a genealogia da família. Que belo e inestimável tesouro! Saí de Shillim sentindo que encontrara o que viera buscar.

Encontrar Meu Pai

O próximo passo era ir a Ch'ungpoong para tentar localizar meu pai e meu irmão. Ch'ungpoong fica a sudoeste de Jechon, numa parte remota da Coréia. Muitos dias depois tomamos um ônibus interestadual e passamos por estradas de terra e campos de arroz para chegar

Acima: *Irmão e Irmã Dunnaway (sentados à esquerda) visitam seus primos.* Centro: *Irmã Dunnaway (esquerda) com seu irmão, Kim Do Yun, e esposa Chun Young Ja.* Abaixo: *Casas da vila onde seu pai mora.*

lá. Quando chegamos, perguntamos no cartório de registros, mas os funcionários nunca haviam ouvido falar em Kim Chin Ku. Também fomos à escola para verificar os registros. A escola não tinha nenhum registro do filho, mas lá encontramos uma pessoa que conhecia a família. Ele nos disse que eles eram conhecidos por outros nomes (o que não é incomum entre os coreanos). Verificamos novamente e encontramos referência a uma escola secundária em Taegu, outra cidade no sul da Coréia.

De volta a Seul, o Presidente Ch'oi consultou alguns líderes da Igreja em Taegu, e eles conseguiram localizar dois endereços nos registros escolares: um em Young Duk, onde Kim Chin Ku morara antes do casamento com minha mãe, e um em Taegu. Decidimos verificar ambos. O filho do Presidente Ch'oi, que foi conosco, sentiu que deveríamos ir a Young Duk primeiro. Quando chegamos ao vilarejo, fomos à delegacia de polícia. Os homens que estavam de plantão conheciam a família e ofereceram-se para nos levar até a casa deles.

Fomos para outra parte remota da Coréia, passando por plantações de arroz e montanhas antes de chegarmos ao vilarejo no sopé de um desfiladeiro. Saímos do táxi, e o Irmão Ch'oi falou com um dos moradores do vilarejo. O homem nos disse que Kim Chin Ku morava no vilarejo e estava trabalhando nos campos. O motorista do táxi ofereceu-se para ir buscá-lo e trazê-lo até onde estávamos. Enquanto esperávamos, senti pânico. E se o homem fosse realmente meu pai?

O táxi aproximou-se. No banco de trás havia duas pessoas — um menino e um senhor. Cumprimentamo-nos. O homem de mais idade tinha a pela enrugada e envelhecida pelo sol, mas um aspecto doce e sincero. Senti-me segura de que aquele homem era meu pai.

Seu nome verdadeiro era Kim Hong Suk, mas era também conhecido como Kim Chin Ku. Convidou-nos para ir à sua casa. Subimos por uma estrada de terra e entramos no quintal, onde havia um boi amarrado a uma árvore. No outro lado da casa havia um estábulo. Dentro da casa, uma esteira de palha cobrindo o chão. Sentamo-nos, e esse homem — meu pai — sentou-se perto de mim. Olhava-me fixamente, e eu o fitava. Um por um, os habitantes do vilarejo foram chegando. Contamos-lhe a história de nossa pesquisa, e ele confirmou o relato que o Sr. Ko havia feito.

Depois perguntamos pelo filho — meu irmão. Seu nome era Kim Do Yun, e estava cursando uma escola técnica em Taegu. Meu pai disse que telefonaria e marcaria um encontro para nós. Enquanto ele estava telefonando, perguntei aos outros membros da família se tinham algum registro familiar. Trouxeram um grande livro publicado de sua linhagem.

Recebendo as Palestras do Evangelho

Meu pai tomou providências para que encontrássemos Kim Do Yun num restaurante em Pohang naquela noite. Quando o encontrei, tive um sentimento doce e de paz. Eu sabia que aquela era a família certa — minha família coreana. Meu irmão estava muito nervoso. Tremeu de emoção quando lhe contei a história e mostrei-lhe nossos papéis. Até aquele momento, ele nunca ficara sabendo que a mulher que pensava ser sua mãe era na verdade sua madrasta. Mas depois de vencer o choque inicial, ele pareceu emocionado por ser meu irmão mais velho.

Eu sabia que minhas orações haviam sido respondidas. Toda vez que achávamos um novo indício ou encontrávamos um membro da família, eu sentia muita paz. Meus sentimentos sobre as famílias Ko e Kim eram muito diferentes dos sentimentos que tivera quando encontrara outras famílias que se diziam meus pais. Depois de nossa primeira viagem sem sucesso a Weonju, eu orara sinceramente para que o Senhor me ajudasse a saber quando havia encontrado a família certa. Ele fizera isso.

Refletindo a respeito da pesquisa, posso ver que fui apenas um instrumento na mão do Senhor para realizar a sua obra. Havia uma grande força atrás de mim, real e poderosa. A princípio não entendi esses sentimentos, mas agora sou muito grata por ter conseguido achar minha família. Como resultado, meus primos estão estudando com os missionários. Estou trabalhando com meu irmão recém-descoberto, e tenho um forte desejo de encontrar minha irmã gêmea. Também tive oportunidade de achar os nomes de centenas de ancestrais que esperaram até que eu abrisse para eles a porta das bênçãos do evangelho. □

JuLee Dunnaway atualmente reside em Provo, Utah, onde seu marido Kelly, estuda Ciências Políticas na Universidade Brigham Young.

A LIÇÃO DE UMA NEVASCA

Ronald J. Dunn

Era inverno, e a temporada de basquete da Igreja estava quase no fim. A equipe dos rapazes da nossa ala estava em primeiro lugar, e durante a partida final, jogamos um excelente primeiro tempo e estávamos ganhando. Eu havia jogado o melhor primeiro tempo de minha carreira de basquete na Igreja, marcando vinte pontos. No entanto, ao mesmo tempo, eu estava com quatro faltas. Mais uma falta e teria que sair.

Um tanto orgulhoso de minha proeza e não mostrando nenhum sinal de humildade, deixei claro que achava que um dos juízes — aquele que havia marcado as quatro faltas que eu fizera — estava deliberadamente implicando comigo e tentando tirar-me do jogo. Várias vezes no decorrer da partida — numa demonstração de pouco espírito esportivo de minha parte — eu abertamente lhe sinalizara diante do público que, em minha opinião, ele estava sendo um péssimo juiz.

Logo no início do segundo tempo, decidi que, se tinha de ser afastado do jogo por mais uma falta, bem poderia fazê-lo com uma demonstração espetacular de jogo agressivo. Interceptei um passe da outra equipe e corri em direção ao fundo da quadra para marcar o que parecia ser um ponto fácil. Tudo que se interpunha entre mim e a cesta era um jogador, e ele era o homem mais baixo da equipe adversária. Ao me aproximar da cesta, dobrei o cotovelo, enquanto fazia a bola saltar, e atingi o defensor no queixo, empurrando-o para fora da área. Então, sem ninguém no caminho, fiz o ponto facilmente. No momento em que a bola entrava na cesta, os apitos dos juízes se fizeram ouvir acima dos gritos do público.

Fui expulso por conduta antiesportiva, e a raiva que se acumulara dentro de mim no decorrer de todo o campeonato, explodiu numa torrente de abusos verbais dirigidos ao juiz que eu julgava tão

Larry Winborg

injusto. Joguei uma toalha no chão e continuei reclamando aos gritos até o vestiário, onde rapidamente enfiei minhas roupas por cima do uniforme esportivo suado. Então, gritando pela última vez com o "juiz injusto", saí com raiva para o ar frio da noite e subi no caminhão de meu pai para ir para casa.

Ao acionar o motor, notei que nevara; mas, estando quente por causa da transpiração e acalorado pela emoção, não percebi que não tinha casaco.

Em vez de ir diretamente para casa, decidi visitar um amigo. Por alguma razão, tomei um atalho, afastando-me da estrada principal e logo me vi numa zona rural desconhecida. Estava nevando muito, e, à medida que eu prosseguia, o vento soprava forte pelos campos amontoando a neve em redemoinhos. Com a neve cobrindo o chão, logo se tornou impossível reconhecer o traçado da estrada, e acabei atolado num monte de neve. Todos os meus esforços para tirar o caminhão da neve foram inúteis. Tentei várias vezes até que o motor parou. Havia ficado sem gasolina!

Sentei por alguns minutos no escuro, imaginando o que fazer, até que o frio cada vez mais forte me fez voltar à realidade. Lá estava eu, tremendo, suado, com tênis molhados nos pés, e sem casaco. Ao olhar para os gélidos campos brancos, pude ver à distância o fraco brilho de uma luz.

A luz estava a pelo menos um quilômetro de distância, e eu sabia que seria difícil chegar lá em segurança, vestido como eu estava. Mas não havia alternativa, e assim pulei para o frio glacial e corri em direção à luz distante com toda a energia que possuía. Depois do que pareceu horas, cheguei a uma pequena casa de campo e bati ansiosamente à porta. Ninguém atendeu. Não havia ninguém em casa!

Tremendo muito e sem conseguir mais sentir meus dedos congelados dos pés, das mãos e as orelhas, corri imediatamente para a única outra casa que havia na área. Ficava a pouca distância na estrada. Para minha aflição, percebi que era justamente a única casa à qual eu não deveria ir — a casa do meu "árbitro injusto". Mas, desesperado com o frio, fui forçado a esquecer o orgulho e a bater à porta. Fui cumprimentado pelo homem de aparência severa que eu havia, há pouco, insultado e criticado.

De alguma forma consegui explicar minha situação, sem saber bem o que esperar em resposta. Mas sem hesitação aquele bom homem pegou dois casacos, um para si e outro para mim. Então, enquanto eu fiquei sentado no aconchego de sua casa, ele saiu no frio para pegar seu trator, uma corrente e uma lata de gasolina. Fomos com o trator pela nevasca, abrindo caminho por monte de neve após monte de neve, até meu caminhão abandonado. Usando o trator, ele puxou o caminhão de volta para a estrada em questão de minutos, pôs a gasolina e colocou-me no calor e segurança de meu caminho para casa.

Nos dias que se seguiram, pensei freqüentemente na ironia dos acontecimentos que tão repentina e inesperadamente me haviam tornado humilde. Um grande homem ensinou uma lição maravilhosa a um rapaz desmerecedor naquela noite fria de inverno. Sei que não lhe fora fácil deixar o calor de sua casa para sair numa tempestade (especialmente para ajudar alguém tão descortês e rude como eu), mas eu precisava de ajuda, e ele me socorreu de boa vontade. Seu exemplo e a influência de outros grandes líderes do sacerdócio, me ajudaram subseqüentemente a mudar minha maneira de ser e a seguir um curso que levou a uma missão e ao casamento no templo. Serei sempre grato. □

Larry Winborg